

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

POLLYANNA MARIA E SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO EMPREENDEDORISMO PARA
VISIBILIDADE DO BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL**

Rio de Janeiro
2015

POLLYANNA MARIA E SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO EMPREENDEDORISMO PARA
VISIBILIDADE DO BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. MSc. Daniela Spudeit

Rio de Janeiro
2015

S586c

Silva, Pollyanna M. e. A contribuição do empreendedorismo para visibilidade do bibliotecário no Brasil / Pollyanna M. e Silva – Rio de Janeiro, 2015.

66 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Orientadora: Prof^a MSc. Daniela Spudeit.

1. Empreendedorismo. 2. Biblioteconomia 3. Visibilidade profissional. I. Spudeit,
Daniela. II. Título.

CDD 338.04

POLLYANNA M. E SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO EMPREENDEDORISMO PARA VISIBILIDADE DO
BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro como requisito à obtenção do
grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. MSc. Daniela Spudeit .

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. MSc. Daniela Spudeit Orientadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. MSc. Carlos Alberto Ferreira – Avaliador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Esp. Iris Abdallah - Avaliadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Aos meus anjos da guarda Márcia Waldmann e Miriam Dias que me colocaram embaixo de suas asas nos momentos mais difíceis da escrita deste trabalho. Minha eterna gratidão e amizade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por atender as minhas preces nos momentos difíceis e por ser tão generoso comigo. Obrigada por ter colocado em meu caminho pessoas maravilhosas.

Aos meus pais, por todo amor, incentivo, apoio. Em especial à minha mãe por ter me despertado o gosto pela leitura, gosto esse que a fez me dar nome de personagem de livro.

Aos meus irmãos Joyce e Ricardo por dividirem comigo as melhores lembranças, as melhores histórias, enfim, as melhores coisas da vida. E por serem mais que irmãos, serem meus companheiros de jornada.

Ao meu marido Arthur por ser meu grande incentivador, por me fazer querer ser sempre uma pessoa melhor, por ser meu melhor amigo. Você é o melhor companheiro que alguém poderia ter, obrigada por estar comigo em todas as horas, à você meu eterno amor e gratidão.

Agradeço também a duas pessoas que foram muito importantes na escolha do curso: a minha grande amiga Roberta Pimenta, (a prova de que amizades de escola duram para sempre!); e à minha prima Daniela Rodrigues que me incentivou a seguir a mesma carreira da sua mãe, tia Rejane (onde a senhora estiver, é uma honra seguir essa profissão tão bonita e digna), serei eternamente grata a vocês por sugerirem Biblioteconomia.

Às amigas da UNIRIO, que tornaram tudo mais colorido e alegre, compartilhamos juntas mais que aprendizado, enfrentamos a dura rotina de trabalhos, provas, todas as dificuldades pra chegar até a Urca (o trânsito), o sono. Partilhamos momentos alegres, outros nem tanto, mas no final trilhamos um belo caminho juntas. Levarei vocês no coração. Em especial Ane Caroline Fonseca, sem a qual eu não sei se teria conseguido. Obrigada Ane por estar sempre presente, por segurar a minha mão nas horas difíceis, por sempre me tranquilizar quando eu achava que ia dar tudo errado. E por compartilhar comigo todos os momentos alegres.

Aos mestres que com seus ensinamentos, dedicação, e seus exemplos extrapolaram a sala de aula, deram lições de vida. Em especial à Daniela Spudeit por ter aceitado me acompanhar nessa última batalha.

Aos profissionais que tive a oportunidade de conviver nos estágios. Aprendi o tipo de profissional que quero ser.

Gostaria de agradecer enormemente à Márcia Baptista e a Miriam Dias por todo o apoio operacional e emocional que me deram nos momentos mais difíceis. Meninas vocês são pessoas incríveis, sensacionais. Sempre disponíveis, com tempo, conselhos, materiais, enfim, sempre a postos.

Por fim meu muito obrigada àqueles que se dispuseram a responder ao questionário da pesquisa. Suas respostas me deram grandes ensinamentos sobre a profissão, além de belas histórias de vida e paixão pela profissão.

A todos aqueles que tornaram possível de alguma forma.

“O bibliotecário não deve ser mais um obscuro num canto de quatro paredes, mas um empreendedor e amante da visibilidade” (MARCHIORI, 1996, p. 31).

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo verificar como o empreendedorismo pode contribuir para a visibilidade da Biblioteconomia. Para alcançar o fim proposto, foram utilizados como métodos o levantamento bibliográfico, que revelou um conjunto de temas como a construção de estereótipos, identidade profissional, formação profissional, perfil, atitudes e comportamentos esperados do bibliotecário, demandas do mercado de trabalho, além de apresentar o empreendedorismo de forma global e discutir a importância do empreendedorismo na Biblioteconomia; e a pesquisa de campo, através de questionário aberto enviado a bibliotecários empreendedores. Percebeu-se no processo da pesquisa o pequeno número de trabalhos na área de Biblioteconomia sobre empreendedorismo, o que reforça a importância do trabalho. Como resultado conclui-se que ao relacionar três variáveis, o mercado de trabalho, a visibilidade e o empreendedorismo, notou-se que o empreendedorismo amplia as oportunidades de trabalho para os bibliotecários e também proporciona um novo olhar sobre a profissão, antes restrita ao contexto das bibliotecas.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Biblioteconomia. Visibilidade profissional.

ABSTRACT

This research study aims to demonstrate how entrepreneurship can contribute to the visibility of librarianship. To achieve this proposed, it were used as methods the literature, which revealed a number of issues such as stereotyping, professional identity, professional training, profile, attitudes and behaviors expected of the librarians, demands of the labor market and presents entrepreneurship globally and discuss the importance of entrepreneurship in the Library; and field research through open questionnaire sent to librarians entrepreneurs. It was noticed in the research process the small number of works in the library area on entrepreneurship, which reinforces the importance of work. As a result it was observed that to have three variables, the labor market, visibility and entrepreneurship, it was realized that entrepreneurship expands employment opportunities for librarians entrepreneurs. Finally came to the conclusion that the librarian entrepreneur acquires greater professional visibility than those who do not.

Keywords: Entrepreneurship . Librarianship. Professional visibility.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	15
3	REVISÃO DE LITERATURA	16
3.1	Empreendedorismo	16
3.1.1	Tipologia e características do empreendedor	18
3.1.2	Importância do empreendedorismo	21
3.1.3	Empreendedorismo na Biblioteconomia	23
3.2	Identidade e visibilidade profissional	26
3.2.1	Formação profissional	34
3.2.2	Demandas do mercado na área de Biblioteconomia	38
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
4.1	Caracterização da pesquisa	44
4.2	Universo da pesquisa	45
4.3	Instrumento para coleta de dados	45
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	46
5.1	Influência para seguir a carreira de bibliotecário	46
5.2	Motivos para empreender na área	48
5.3	Desafios para empreender na área	50
5.4	Necessidade de adquirir conhecimentos em outras áreas	53
5.5	Contribuição do empreendedorismo para a visibilidade do bibliotecário	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APENDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	66

1 INTRODUÇÃO

Os termos empreendedorismo e empreendedor estão cada vez mais presentes no cotidiano da atual sociedade, principalmente a partir da década de 90 quando houve um maior investimento por parte do governo em incentivar e apoiar a criação de empresas e incubadoras no Brasil. Apesar das grandes invenções terem acontecido no século passado, Jeffrey Timmons (1990, *apud* DORNELAS, 2014, p. 7) cita que “o empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a Revolução Industrial foi para o século XX”.

Para Gimenez, Ferreira e Ramos (2008) o empreendedorismo é um tema abordado por estudiosos há algum tempo. Sua relevância se deve aos benefícios que a ação empreendedora produz. Inicialmente, limitava-se a descrever a ação de criação de empresas, porém mais recentemente o termo, teve seu sentido redimensionado para se relacionar também às manifestações humanas vinculadas à realização de novos projetos organizacionais independentes ou subordinados a uma organização existente.

Atualmente, o empreendedorismo é visto como sendo um movimento de vasta importância para a economia mundial, especialmente devido as mudanças na forma de se fazer negócios no mundo. O empreendedorismo sempre se mostrou de grande relevância para a sociedade, no momento atual, porém, ganha maior importância devido a fatores como: o extraordinário avanço tecnológico; o desenvolvimento da economia e dos meios de produção e serviços e a grande competitividade entre as empresas (DORNELAS, 2008)

De maneira geral, na literatura corrente o empreendedor é associado a termos como iniciativa, inovação, risco, criatividade, além de se relacionar a pessoas que detectam oportunidades, possuem necessidade de aprender continuamente, são otimistas, dedicadas, entre outras tantas características. Empreendedor é aquela pessoa que transforma ideias em oportunidades, que assume riscos e cria algo novo.

Historicamente ser bibliotecário não é sinônimo de pertencer a uma classe com grande visibilidade social no Brasil conforme Souza (2006). Visibilidade, nesse contexto, significa reconhecimento social. A comprovação deste fato se deu a partir da literatura e de experiência pessoal, enquanto estudante de graduação do curso, o que motivou a pesquisa sobre esse tema.

A partir da percepção do fato de que a sociedade não reconhece e, por conseguinte, não valoriza este profissional, procurou-se apresentar e discutir os principais motivadores desta falta de reconhecimento social e, portanto, da visibilidade do bibliotecário frente à sociedade. Além disso, objetivou-se pesquisar algo que pudesse contribuir para a melhora da visibilidade da profissão que tem tudo para ser uma das mais importantes do século XXI, por isso foram elencados os diversos fatores que contribuem para tal realidade.

O presente trabalho pretende apresentar como o empreendedorismo pode contribuir para aumentar a visibilidade e reconhecimento profissional do bibliotecário. Além disso, vislumbra-se o quanto o bibliotecário tem a ganhar ao empregar as características relacionadas ao espírito empreendedor nas suas atividades cotidianas, seja empreendendo dentro de uma instituição ou abrindo um negócio voltado para gestão de serviços de informação.

Partiu-se do pressuposto que quando o profissional não é reconhecido por aquilo que ele faz, há uma intervenção na sua autoestima. Informação confirmada por Souza (2006, p.24), “No ambiente em que se dá o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil, em que seus praticantes passaram a expressar nas últimas décadas alguma carga de sentimento de inferioridade”.

A construção dos estereótipos também é um dos fatores apontados como tendo bastante interferência para a visibilidade do bibliotecário, já que contribuem para que esse profissional seja visto como apático, mal humorado, entre outras características negativas conforme Walter e Baptista (2007) explicam. Os autores afirmam que os estereótipos “podem igualmente ser limitantes para uma profissão como a dos bibliotecários que ainda luta pelos espaços de trabalho, pelo reconhecimento social e pela modernização de sua imagem” (WALTER, BAPTISTA 2007, p.27).

Outra questão corrente na literatura relativa aos bibliotecários e que contribui negativamente para sua pouca visibilidade é a questão da identidade desse profissional, apontada diversas vezes como sendo difusa e ainda em busca de valorização conforme Walter (2004). O mesmo autor cita que as atitudes e comportamentos dos bibliotecários também contribuem sobremaneira para a manutenção dos estereótipos e para o não reconhecimento da sociedade, refletindo no aspecto da visibilidade. Walter e Baptista (2008, p.94) explicam que:

Traçando um paralelo com os bibliotecários, não é incomum a associação desses profissionais a comportamentos como, por exemplo, o de acomodação, que igualmente tem conseqüências para os próprios profissionais e para a profissão. Atitude é um composto fundamental na questão da competência, especialmente se considerado em relação a profissões com baixo reconhecimento social.

Neste ponto, há uma interseção entre a questão da visibilidade e a contribuição do empreendedorismo. Sugere-se que comportamentos e atitudes empreendedoras, como iniciativa, proatividade, vontade de inovar, entre outras possam contribuir para que o bibliotecário se liberte dos estigmas aos quais normalmente é associado, e possa, dessa forma, sair do “lugar-comum” a que normalmente são associados (guardadores de livros) para que demonstrem sua real importância para a sociedade e para si.

Sobre essas questões, vários autores como esses citados por Garcia (2013, p. 115) retratam as causas e saídas para mudar essa realidade e apontam o empreendedorismo como elemento necessário para a formação e/ou atuação dos profissionais da informação da atualidade.

Vários textos e autores têm destacado a importância do moderno profissional da informação desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes típicos de empreendedores (como adaptabilidade, previsão de ameaças e oportunidades, habilidade interpessoal, tomada de decisão, iniciativa/proatividade, habilidade organizacional e de planejamento, perseverança, criatividade e inovação, solução de problemas, liderança, conhecimento da demanda e do cliente), desde a Europa (PASSARELLI, 2009), passando pelos Estados Unidos (McNEIL; GIESECKE, 2001) e chegando ao Brasil (TARAPANOFF; SUAIDEN; OLIVEIRA, 2002; FERREIRA, 2003; DIAS et al., 2004; FARIA et al., 2005; PASSARELLI, 2009). Alguns desses autores são mais incisivos nessa questão, e citam diretamente o empreendedorismo como elemento necessário à formação e/ou atuação dos profissionais da informação na atualidade (FERREIRA, 2003; FARIA et al., 2005; PASSARELLI, 2009).

Qual seria de imediato o ganho que bibliotecários teriam, ao melhorarem sua visibilidade com a utilização de atitudes e comportamentos empreendedores? Vislumbra-se que possa haver uma melhor inserção no mercado de trabalho, outro ponto exposto no presente trabalho. Foi observado, a partir da literatura que muitas oportunidades de emprego são perdidas, pois tanto os empregadores quanto os bibliotecários, não reconhecem as potencialidades de atuação profissional.

Dessa forma, conjectura-se que ser empreendedor, no sentido lato da palavra, não só o indivíduo que abre uma empresa, mais aquele que com criatividade, inova em seu ambiente de trabalho, qualquer que ele seja, de tal forma que seu trabalho seja reconhecido e valorizado pelos demais.

Outra questão relativa ao tema enfatizava a formação do bibliotecário e seu distanciamento das reais necessidades observadas pelos profissionais na prática. Foi levantado, ainda sobre essa questão da formação, o fato de que é muito incipiente e até mesmo inexistente nas universidades a existência de disciplinas voltadas para o ensino de práticas empreendedoras.

Sabe-se, porém, que nem todos os indivíduos possuem vontade ou perfil para abrir e gerenciar empresas, há quem se sinta mais confortável em empregos assalariados. A importância de se ensinar o empreendedorismo está no fato de que isto possa mostrar novos caminhos, novas oportunidades, ampliar o leque de opções para que o profissional possa vislumbrar novos mercados, abrir ou não uma empresa possa ser uma alternativa a mais.

A relevância deste estudo para a Biblioteconomia consiste no fato de que o tema do empreendedorismo nessa área é muito pouco discutido. Embora seja tema recorrente para a área de administração de empresas, área de onde são oriundos os principais estudos e discussões sobre empreendedorismo, na Biblioteconomia o assunto ainda não aparece com tanta frequência quanto deveria.

Observou-se que a disseminação e ampliação de discussões sobre o empreendedorismo na área de Biblioteconomia pode trazer contribuições importantes, principalmente no que tange ao mercado de trabalho, afetado ou não por crises, visto que o bibliotecário empreendedor pode encontrar outros caminhos que não o mercado tradicionalmente atribuído a ele.

Além disso, o empreendedorismo pode auxiliar para a mudança do estereótipo de profissional passivo e realizador de atividades eminentemente técnicas para um profissional com atitude, criativo e atuante, transformador da sociedade e cumpridor de seu papel social, tão importante na chamada Sociedade da Informação. Dessa forma, o problema de pesquisa investigado foi: Como o empreendedorismo pode auxiliar na visibilidade da profissão de bibliotecário no Brasil?

2 OBJETIVOS

Para responder a questão norteadora elencou-se como objetivo geral: Analisar como o empreendedorismo pode contribuir para a visibilidade do bibliotecário na atual sociedade. Para isso, os objetivos específicos são:

- Conhecer os conceitos, a evolução e a importância do empreendedorismo.
- Analisar como o empreendedorismo é tratado na Biblioteconomia.
- Verificar o que despertou o interesse dos bibliotecários brasileiros para empreender.
- Analisar os desafios encontrados pelos bibliotecários brasileiros para empreender.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste ponto, cabe expor como foi feita a fundamentação teórica utilizada para estruturar a presente pesquisa. Apresenta-se como o empreendedorismo pode contribuir para a visibilidade dos bibliotecários. Para isso foi realizado um estudo sobre o empreendedorismo, tipologia e características do empreendedor, a importância do empreendedorismo, empreendedorismo na biblioteconomia, identidade e visibilidade profissional, formação e demandas do mercado de trabalho, de acordo com Dornellas (2008), Dolabela (2008), Chiavenato (2012), Fillion (1999), Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005), Cardozo e Barbosa (2004), Marchiori (1996), Souza (2006), Walter e Baptista (2007), Arruda, Marteleto e Souza (2000), Milanesi (2002), Valentim (2000) entre outros que são abordados nessa seção.

3.1 Empreendedorismo

De acordo com Dornelas (2008), a palavra empreendedorismo origina-se da palavra francesa *entrepeneur*, que quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo. O autor explica que um primeiro uso do termo pode ser creditado a Marco Polo, pois ele ao tentar estabelecer uma nova rota para o Oriente tem uma atitude empreendedora, ou seja, busca fazer algo novo, diferente, assume riscos. Para tornar possível seu projeto, Marco Polo assina um contrato com um homem que possuía dinheiro, um banqueiro. O homem que emprestou o dinheiro assumiu os riscos de forma passiva, enquanto Marco Polo, aventureiro, assumiu o papel ativo, correndo riscos físicos e emocionais na busca por alcançar algo novo que trouxesse maiores lucros para o aventureiro (DORNELAS, 2008).

Seguindo historicamente com o uso do termo, Dornelas (2008) informa que na Idade Média, empreendedorismo foi utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção. Tal indivíduo não assumia grandes riscos, como no caso de Marco Polo ou daquele que o emprestou dinheiro, apenas gerenciava projetos, utilizando os recursos disponíveis, geralmente provenientes do governo do país.

Chiavenato (2012) ressalta que o termo foi usado em 1725 pelo economista Richard Cantillon, que afirmava ser empreendedor um indivíduo que assume riscos. Posteriormente, em 1814, o economista francês Jean-Baptiste Say

usou o termo para definir o indivíduo que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade baixa para um setor de maior rendimento. Chiavenato (2012) cita ainda o economista austríaco, Carl Menger, que em 1871 caracterizou como empreendedor "aquele que antecipa necessidades futuras" (CHIAVENATO, 2012) p.16).

Em 1949 o economista austríaco Ludwig Von Mises afirmou que o empreendedor aquele que toma decisões. Friedrich Von Hayek, economista austríaco, considera que o empreendedorismo envolve não apenas risco, mas, sobretudo, conduz a um processo de descoberta das condições produtivas e das oportunidades de mercado por parte dos próprios atores sociais (CHIAVENATO, 2012).

Ainda no campo da economia, Chiavenato (2012) considera como tendo uma posição de destaque sobre empreendedorismo, o economista austríaco Joseph Schumpeter (1950). Schumpeter define empreendedor como aquele que deseja e é capaz de converter uma nova ideia ou invenção em uma inovação bem sucedida. Schumpeter estabelece ainda o conceito de "destruição criativa", o que em resumo significa introduzir novos produtos em substituição aos que eram utilizados.

De acordo com Fillion (1999), Schumpeter foi o primeiro a relacionar empreendedorismo à inovação, sendo, desta forma, ele mesmo considerado um empreendedor, pois definiu a concepção moderna utilizada para o termo.

Halick (2014) explica que em várias referências sobre empreendedorismo foi detectada a seguinte problemática sobre o tema: existem tantas concepções para empreendedorismo que não encontramos uma única definição consolidada. De acordo com Halicki (2014), isso se deve ao fato de que se trata de um tema com abordagem acadêmica relativamente recente. Informação confirmada por Gimenez, Ferreira e Ramos, (2008, p.1), segundo os quais "a investigação sistemática desse tema passou a ser desenvolvida em princípios do século 20, por meio de abordagens econômicas sobre a origem de novas empresas."

Boava e Macedo, (2009) defendem a ideia de que não existe consenso em relação ao tema do empreendedorismo, devido à etimologia complexa do termo, que é responsável pela confusão em torno do assunto. Isso evidencia o quão recente é o termo. Colbari (2007) ao indicar que a dificuldade em definir o termo empreendedor reside no fato de que não há consenso na literatura acadêmica e na opinião do público em geral sobre o tema. A autora reconhece ainda que "Se, na acepção

clássica, o termo tinha um sentido mais preciso, imerso em uma cultura eminentemente capitalista, atualmente aparece associado a múltiplas modalidades de inserção nas práticas econômicas e sociais”. (COLBARI, 2007, p.77)

Sobre essa dificuldade em definir o que é o empreendedor Costa, Barros e Carvalho (2011) explicam que o rótulo de empreendedor pode constituir um significante vazio, uma palavra que pode significar tudo e nada, uma palavra que não tem um significado intrínseco, não tem relação com nenhum dos objetos com os quais é normalmente associada, que remete a vários pontos sem chegar efetivamente a nenhum deles. Uma das definições mais recentes sobre empreendedorismo é a de Morris (1998, *apud* Gimenez, Ferreira e Ramos, 2008, p.3) onde:

[...] empreendedorismo é entendido como um processo pelo qual, indivíduos ou grupos, integram recursos e competências para explorar oportunidades no ambiente, criando valor, em qualquer contexto organizacional, com resultados que incluem novos empreendimentos, produtos, serviços, processos, mercados e tecnologias.

Como se pode observar a partir de tudo o que foi apresentado sobre empreendedorismo, o momento atual é bastante propício para quem pretende empreender. As mudanças ocorridas no mundo, principalmente a partir do avanço das tecnologias, em especial da internet possibilitaram a criação de novos serviços e atividades para aqueles que dotados do “espírito empreendedor”, e que desejarem correr riscos controlados, inovar, perceberem novas oportunidades de mercado, ou seja, empreenderem. Porém, não basta ter um ambiente propício, é necessário ter ou desenvolver determinadas características conforme será tratado a seguir.

3.1.1 Tipologia e características do empreendedor

Para Fillion (1999) o empreendedor é uma pessoa criativa, que gosta de estabelecer objetivos dos quais está certa de que pode atingir. Além disso, outra característica identificada para o empreendedor é a sua capacidade de detectar oportunidades de negócios, devido ao alto nível de consciência do ambiente em que vive. Do mesmo modo, possuem necessidade de aprender continuamente, não apenas sobre o ambiente a fim de melhor explorar as oportunidades, mas sobre a área de atuação, para que assim possam ajustar-se de acordo com a situação. São

peças que assumem riscos moderados ao tomarem decisões, pois buscam minimizar as incertezas. Não sendo, portanto, pessoas aventureiras como no exemplo de Marco Polo (FILLION, 1999).

Dolabela (2008) ressalta como característica do empreendedor o fato de ser ele um ser social, ou seja, produto do seu meio, época e lugar. Se o ambiente é propício para que se seja empreendedor, haverá então motivação para que o empreendedor crie seu próprio negócio. Acrescenta ainda que a espécie humana é empreendedora por natureza, visto que está sempre buscando melhorar as relações do homem com o homem e com a natureza. Segundo o autor, a história da humanidade é repleta de exemplos de que o homem está sempre buscando criar ferramentas que melhorem sua vida por meio de ações empreendedoras, como por exemplo, as grandes invenções tais como avião, lâmpada, televisão, internet, entre outras.

Dolabela (2008) amplia a definição sobre o tema ao inserir valores éticos no empreendedorismo. Para o autor, só pode ser chamado empreendedor quem gera valor positivo para a coletividade, ou seja, aquele que ao atuar pensa no bem comum. Logo, para que se possa ser considerado empreendedor, o indivíduo não pode estar preocupado apenas com o lucro, deve ter compromisso com a localidade que o cerca, contribuindo, dessa forma, para o bem estar da comunidade que está inserido, ou seja, aquilo que conhecemos como responsabilidade social. A preocupação com a natureza é uma característica acrescida ao empreendedor.

Pode-se destacar algumas das características dos empreendedores sugeridas por Dornelas (2008, p. 23):

- São visionários;
- Sabem tomar decisões;
- São indivíduos que fazem a diferença;
- Sabem explorar ao máximo as oportunidades;
- São determinados e dinâmicos;
- São dedicados;
- São otimistas e apaixonados pelo que fazem;
- São independentes e constroem o próprio destino;
- São líderes e formadores de equipes;
- São bem relacionados (networking);
- São organizados;
- Planejam, planejam, planejam;
- Criam valor para a sociedade.

Chiavenato (2012) argumenta que muitos empreendedores apresentam características como traço de liderança. Esclarece, porém, que as teorias baseadas em traços de personalidade sofrem críticas por não possuírem validade. O autor destaca na literatura da área algumas características apontadas por diversos autores sobre empreendedores, dentre elas destacam-se: são pessoas firmes, pragmáticas, com necessidade de independência e realização, e por fim, são otimistas nos seus processos de tomada de decisão.

Sobre o espírito empreendedor Chiavenato (2012) especifica três características básicas: a necessidade de realização, disposição para assumir riscos, e por fim autoconfiança. Na mesma linha, Maximiano (2006), assinala que a ideia de um espírito empreendedor está associada a pessoas realizadoras, que mobilizam recursos e correm riscos para iniciar organizações de negócios. E continua finalizando que embora existam empreendedores em todas as áreas da atividade humana, em sentido restrito, designa a pessoa que abre uma empresa.

Quanto aos tipos de empreendedor, Dornelas (2008) elenca oito tipos possíveis: empreendedor nato, empreendedor que aprende, empreendedor serial, empreendedor corporativo, empreendedor social, empreendedor por necessidade, empreendedor herdeiro e o empreendedor “normal”/planejado.

Existem ainda uma de acordo com a literatura da área, uma dicotomia entre dois tipos de empreendedores: os de necessidade e os de oportunidade. De acordo com o site do Portal Brasil, os primeiros são aqueles que criam um negócio, geralmente informal, para sobreviver. Já os empreendedores de oportunidade são aqueles que identificam uma lacuna no mercado e criam uma empresa para capitalizar sobre um determinado nicho mal atendido. O segundo tipo de empreendedorismo, os de oportunidade serão analisados neste trabalho, buscando verificar se existe uma relação do empreendedorismo com a visibilidade da profissão.

Cabe ressaltar também outro tipo de empreendedorismo: o intraempreendedorismo. O intraempreendedor é aquele que empreende dentro de uma organização, também conhecido como empreendedor interno ou corporativo. De acordo com Halicki (2014), o termo foi utilizado pela primeira vez por Gifford Pinchot, em 1985, para caracterizar o indivíduo que se desenvolve dentro de uma organização, possuindo as mesmas características do empreendedor, tais como criatividade, inovação e capacidade de fazer sucesso.

Chiavenato (2012) aponta que a maioria das grandes organizações pretende desenvolver em todos os seus quadros funcionais a figura do intraempreendedor, visto serem pessoas comprometidas em alcançar os objetivos organizacionais, prontas a assumirem riscos e preocupadas em inovar continuamente. O que os diferencia dos empreendedores é que os intraempreendedores não são donos do negócio. Traduzindo, seriam aqueles funcionários que "vestem a camisa" da empresa e estão sempre procurando dar novas ideias para melhorar produtos e serviços nas empresas onde trabalham.

3.1.2 Importância do empreendedorismo

De acordo com Gimenez, Ferreira e Ramos (2008), a importância do empreendedorismo está diretamente associada aos benefícios em potencial que sua ação acarreta. Segundo os autores,

[...] o surgimento de novos empreendimentos cria condições para um desenvolvimento econômico e social continuado em regiões carentes. No âmbito de organizações já existentes, por outro lado, o estímulo à ação empreendedora permite o crescimento e a adaptação a condições mutáveis da sociedade. Por fim, o empreendedorismo produz um sentimento de realização profundo naquelas pessoas que empreendem. Dessa forma, o empreendedorismo pode ser visto como um processo que cria valor individual, organizacional e social. (GIMENEZ, FERREIRA, RAMOS, 2008, p.1)

Como se vê, a importância do empreendedorismo decorre dos benefícios que sua ação propicia para a sociedade, para as organizações e por fim para os indivíduos. Facilmente se observa as vantagens do empreendedorismo para a sociedade, visto que a abertura de novas empresas gera emprego e renda. Os ganhos para as empresas são também facilmente perceptíveis, tendo em vista os muitos casos de sucessos de diversos empreendedores que ousaram inovar. Por fim, para os indivíduos que procuram autonomia, auto realização, empreender é um caminho a partir da busca pela realização de um sonho.

A esse respeito, Dolabela acrescenta que a importância do empreendedorismo reside no fato de que (2008, p. 30):

O empreendedor é o responsável pelo crescimento econômico e pelo desenvolvimento social. Por meio da inovação, dinamiza a economia. Além disso, o empreendedorismo é a melhor arma contra o desemprego.

Dornelas (2008) revela que a importância do empreendedorismo em países da Europa, Ásia, além dos Estados Unidos, se deve ao fato de que estes acreditam que o poder econômico dos seus países depende de seus futuros empresários e da competitividade de seus empreendimentos. Além disso, Dornelas (2008) acrescenta que nos Estados Unidos há o reconhecimento de que o empreendedorismo é e continuará a ser o grande propulsor do desenvolvimento econômico. Ainda sobre a importância do empreendedorismo nos dias atuais, Dornelas (2008, p.9) considera que se deva ao fato de que,

[...] o momento atual pode ser chamado de a era do empreendedorismo, pois são os empreendedores que estão eliminando barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade. A chamada nova economia, a era da internet e das redes sociais, mostrou recentemente, e ainda tem mostrado, que boas ideias inovadoras, know-how, um bom planejamento e, principalmente, uma equipe competente e motivada são ingredientes poderosos que, quando somados no momento adequado, acrescidos do combustível indispensável à criação de novos negócios — o capital — podem gerar negócios grandiosos em curto espaço de tempo. Isso era algo inconcebível há alguns anos.

O mesmo autor explica que no Brasil, o empreendedorismo ganha visibilidade em finais dos anos de 1990, devido à crise enfrentada por diversas empresas. Nesse período observou-se que o espírito empreendedor foi o grande responsável pela criação de várias pequenas empresas. Dessa forma, o aumento do desemprego foi um dos fatores que incentivou a criação de novos negócios, assim como a expansão da internet, que gerou oportunidades para a abertura de novos negócios, principalmente por jovens que viram aí uma boa oportunidade para se inserirem no mercado de trabalho cada vez mais fechado devido à crise.

Sobre a introdução do empreendedorismo no Brasil, Dornelas (2008, p.10) explica que:

Há 20 anos era considerado loucura um jovem recém - formado abrir uma pequena empresa, já que os empregos oferecidos pelas grandes empresas, públicas ou particulares, apresentavam-se como convidativos e estáveis, bons salários. O Ensino da Administração

era voltado para formar profissionais para atuarem nas grandes empresas.

Em relação à importância do empreendedorismo no Brasil, dados obtidos no Portal Brasil, apontam que este ano país segue isolado na liderança em empreendedorismo, com o aumento de 23% para 34,5% de empreendedores nos últimos dez anos. As informações foram relatadas a partir da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que possui como órgãos responsáveis no país o SEBRAE e o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP).

Contudo, Dornelas (2008) alerta para o real significado da colocação do Brasil na pesquisa acima citada sobre empreendedorismo. De acordo com o autor, apenas a criação de empresas não garante o desenvolvimento econômico, “a não ser que esses negócios estejam focando oportunidades no mercado” (DORNELAS, 2008, p.18). No Brasil prevalece o empreendedorismo de necessidade, ou seja, a maioria dos negócios que são abertos por falta de opção, por se estar desempregado ou por não se ter alternativas de emprego. O ponto negativo sobre esses negócios é o fato de serem criados na maioria dos casos de maneira informal, e não possuírem planejamento apropriado, o que leva muitos desses empreendimentos a fechar rápido, não gerando desenvolvimento econômico esperado. Dessa forma, para o autor, “o que o país precisa buscar é a otimização do seu empreendedorismo de oportunidade”(DORNELAS, 2008, p.18). O mesmo autor acrescenta, porém, que o número de empreendedores de oportunidade tem aumentado no país, o que é bastante positivo, visto que, é a partir destes que se promove o desenvolvimento do país.

3.1.3 Empreendedorismo na Biblioteconomia

Na Biblioteconomia ainda são muito incipientes as pesquisas realizadas sobre empreendedorismo. Alves e Davok (2009, p.314) confirmam essa informação, mencionando que: “Esse tema é abordado em vasta bibliografia da área de administração de empresas, mas na área de Biblioteconomia poucos trabalhos foram localizados”.

Ainda assim, tal informação corrobora-se a partir de pesquisa realizada na plataforma BRAPCI¹ utilizando os termos “Biblioteconomia” e “Empreendedorismo”, resgatando um total de cinco artigos apenas. A baixa quantidade de trabalhos relacionando os termos revela que é ainda um tema pouco explorado na área, evidenciando-se, dessa forma, a necessidade de uma ampliação sobre a discussão do tema. Pode-se citar como exemplo de trabalhos encontrados de Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005); Dalpian, Fragoso e Rozados (2007); Conti, Pinto e Davok (2009); Alves e Davok (2009) e Silveira (2012).

Os autores citados pontuam que a importância do empreendedorismo na área de Biblioteconomia reside no fato de que as mudanças ocorridas com a globalização afetou a economia mundial, o que alterou ainda o mercado de trabalho para o bibliotecário, que ganhou novos contornos. Os autores alertam que é necessário que haja mudanças tanto no perfil quanto na formação do bibliotecário para acompanhar tais mudanças no mercado de trabalho. Ademais, acreditam também que as competências do bibliotecário quando aliadas às características empreendedoras, podem ser fundamentais para que os bibliotecários adentrem em novos mercados emergentes para o profissional da informação.

Também há poucos dados formais sobre a quantidade de bibliotecários que estão empreendendo atualmente no Brasil prestando serviços ligados à área de informação, como indicam pesquisas realizadas nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia por Dalpian, Fragoso e Rozados (2007), e por Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005).

A pesquisa de Dalpian, Fragoso e Rozados (2007) coletou e analisou dados obtidos a partir das inscrições de pessoas físicas e jurídicas nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia dos estados de Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Ceará (CE), Piauí (PI), Maranhão (MA), Bahia (BA) e Sergipe (SE) e São Paulo (SP), no ano de 2005. A pesquisa revelou que o percentual médio das pessoas jurídicas registradas nos conselhos ficava em menos de 1% do total dos registrados nos conselhos analisados. A conclusão em que chegaram os autores foi de que “percentualmente, em todas as regiões abrangidas pelos CRBs, a representação do que se poderia

¹ Base de dados na área de Ciência da Informação e Biblioteconomia criada e mantida pela UFPR que indexa artigos publicados em periódicos científicos.

considerar profissionais mais voltados ao empreendedorismo, é, ainda, bastante reduzida” de acordo com Dalpian, Fragoso e Rozados (2007, p.112)

Já a pesquisa realizada por Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005) coletou dados referentes a entidades de classe do Estado do Rio de Janeiro (RJ). A pesquisa revelou não haver dados disponíveis sobre bibliotecários atuantes em organizações ou empresas em diferentes graduações (gerencial, industrial, tecnológica) e níveis (estratégico e operacional), ou que se estes dados quando existem estão incompletos. Segundo as autoras, a falta de dados dificulta a compreensão sobre a ocupação de postos de trabalho não tradicionais no Estado do Rio de Janeiro (RJ). Ainda de acordo com os autores, no ano da pesquisa, 2004, havia 880 pessoas jurídicas cadastradas no Conselho Regional de Biblioteconomia 7ª Região (CRB7), e dos 3024 bibliotecários ativos, a maioria encontrava-se atrelada a ambientes e áreas tradicionais como Centros de Pesquisas, Centros de Documentação e bibliotecas em geral, e ao binômio ensino/pesquisa.

Dessa forma, observa-se que apesar das várias oportunidades de atuação em áreas não tradicionais, muitos bibliotecários ainda buscam o emprego público e vagas em bibliotecas como opção de carreira.

Cardozo e Barbosa (2004) mencionam que os bibliotecários ainda são muito dependentes do emprego público e assalariado, e que o espírito empreendedor, num momento de crise, possibilita novas oportunidades de trabalho para os bibliotecários.

Marchiori (1996, p. 31) admite a importância do empreendedorismo quando diz que “[...] o bibliotecário não deve ser mais um obscuro num canto de quatro paredes, mas um empreendedor e amante da visibilidade [...]”

Ainda sobre a importância do empreendedorismo na Biblioteconomia, Fonseca, Fonseca e Fonseca verificam que as micro e pequenas empresas são grandes geradoras de emprego no Brasil, respondendo por cerca de 60% dos postos de trabalho. Os autores acreditam que os bibliotecários seriam beneficiados se integrassem a massa de empreendedores do país, ao utilizarem suas habilidades e conhecimentos para criar oportunidades de emprego, pois

Esse movimento empreendedor, cuja pujança quantitativa surpreende outras nações, seria incrementado qualitativamente, se incluísse o bibliotecário gerenciando a informação (relacionada ao suporte tangível, quantificável) e o conhecimento (propiciando a

conversão de conhecimento tácito em explícito, a criatividade e a inovação). (FONSECA, FONSECA, FONSECA, 2005, p. 211)

Embora a literatura da área informe que são poucos os bibliotecários que se arriscam a empreender, Dalpian, Fragoso e Rozados (2007) indicam que vem ocorrendo uma mudança na mentalidade nos bibliotecários em relação a este fato, pois, verificaram que há um número crescente de artigos publicados abordando características, habilidades e competências necessárias ao bibliotecário para sua melhor inserção no atual mercado de trabalho, incluindo aí as competências profissionais que permitiriam aos bibliotecários empreenderem.

Marchiori (1996) observa que em momentos de crise existe a necessidade de ousar, correr riscos, ou seja, empreender. A autora questiona como transformar risco em oportunidade. E responde que só através da mudança, de ideias, de atitudes, e de visão. Marchiori (1996) sugere ainda que em momentos de crise deva-se buscar novos mercados, novas oportunidades, novos espaços de trabalho, e ainda que pode-se inovar a partir de mudanças no trabalho realizado nos espaços tradicionais. O que nos remete mais uma vez à importância do intraempreendedorismo em momentos de crise.

3.2 Identidade e visibilidade profissional

A identidade e reconhecimento são partes integrantes de um todo, pois o reconhecimento de si se dá através de características intrínsecas, pessoais, características essas que nos tornam facilmente reconhecidas por terceiros. De acordo com Dubar (1997, p. XXV),

A divisão interna à identidade deve enfim e, sobretudo ser esclarecida pela dualidade de sua própria definição: identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro.

Ainda segundo Dubar (1997), a recorrência ao uso do termo identidade nas ciências sociais se deve a fatores como: as dificuldades de inserção profissional dos jovens, o aumento das exclusões sociais, o desconforto diante das transformações, a confusão das categorias que servem para se definir e para definir os outros. O autor argumenta que a incerteza sobre o futuro em momentos de crise econômica,

promove todas as tentativas de reconstrução de novos padrões sociais: os de ontem já não convém e os de amanhã ainda não estão estabelecidos.

Discutir identidade pressupõe que se façam reflexões sobre assuntos transversais e que se relacionam diretamente a questão da identidade, neste caso específico, a identidade do profissional bibliotecário, tais como valores, visibilidade e reconhecimento social da profissão.

A partir da literatura da área, observou-se que a temática da crise de identidades é recorrente. Os motivos determinantes para a instalação da crise de identidades no campo da biblioteconomia são apontados pelos autores como sendo: a inserção da tecnologia e as mudanças decorrentes deste fato para a profissão; as mudanças de paradigma: do acervo para o usuário; a ampliação do seu objeto de estudo: a informação registrada em qualquer suporte; a necessidade das mudanças de perfil para adequação profissional à prática; as mudanças de nomenclatura que buscaram dar um caráter científico a profissão, sem, no entanto, que se discutissem mudanças estruturais: documentalista, cientista da informação, moderno profissional da informação; o papel do profissional da informação na sociedade globalizada; e por fim a atitude deste profissional.

De acordo com Walter (2006), o tema da identidade dos profissionais da informação tem sido amplamente discutido devido à inserção das tecnologias de informação e comunicação, destacando-se a Internet. Para o autor, as tecnologias tornaram essas fronteiras mais difusas e confusas, além de, afetarem as necessidades sociais para a profissão. A autora afirma ainda que, a internet e as tecnologias de informação revolucionaram o modo de agir e de interagir de quase todos os segmentos profissionais, o que parece ser consenso e fundamenta vários estudos sobre identidades. Milanesi (2002, p.10) explica que:

O domínio do computador cresceu mais na sociedade em geral do que nas bibliotecas em particular. Qualquer garoto da classe média já podia não só consultar um banco de dados como criá-lo, enquanto a maioria dos bibliotecários, atada a antigas práticas tornava-se anacrônica e frágil.

Ainda de acordo com o autor supracitado, o avanço tecnológico das últimas décadas do século XX trouxe modificações não apenas para a forma de lidar com a informação pela sociedade em geral, com o uso dos computadores pessoais, que facilitou o acesso à informação, mas também mudanças no modo de fazer dos

bibliotecários. Para o autor, o bibliotecário deveria buscar não apenas as informações que o seu público precisa, de maneira rápida, mas o que ele precisa. Nesse sentido, o bibliotecário, deveria acompanhar as mudanças trazidas pela inovação tecnológica e não parar no tempo, pois se observa que houve um descompasso entre a profissão e a sociedade, o bibliotecário deixou de ser aquele que detinha a informação, e se fixou durante décadas no Século XX como classificador e catalogador de livros.

No que concordam Arruda, Marteleto e Souza (2000), pois, segundo estes, a informação se desvincula dos espaços antes restritos e de monopólios profissionais e a tecnologia possibilita a autonomia do usuário. O que impõe uma nova postura dos profissionais da informação, que passam a ter seu campo de atuação ampliado e redimensionado. Ainda de acordo com os autores, os novos modelos organizacionais e de gestão do trabalho, fazem com que a área da informação passe a congrega profissionais de outros campos de atuação, causando tensão e insegurança aos profissionais tradicionalmente vinculados a ela. Para Dubar (1997, p. 36),

Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o emprego condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a formação intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar.

Neste contexto, de insegurança sobre seu campo de atuação, que ganha novos contornos, onde o bibliotecário perde espaço a partir da independência do usuário com o uso dos buscadores na rede, ao mesmo tempo em que ganha espaços, podendo vir a atuar em segmentos diversos onde a informação possa ser organizada e disponibilizada, insere-se a busca por uma identidade desses profissionais. Há uma mudança ocorrendo no mundo do trabalho, em sua área de atuação, em seu objeto de estudo e no mundo que o cerca. Dessa forma, busca-se uma identidade que dê sentido para a profissão que vem sofrendo tantas mudanças e parece que o bibliotecário não está se adequando a elas.

A questão ganha importância, principalmente quando se coloca a elevação do status da informação na economia globalizada nas décadas finais do século XX. O

bibliotecário, porém, não ganha o mesmo status da informação, fato que se pode observar com a falta de prestígio e reconhecimento social da profissão, informação confirmada por Souza (2006), ao afirmar que a sociedade brasileira tem uma atitude de não reconhecimento dessa ciência.

Na busca pela reafirmação de seu campo de trabalho e conseqüentemente de seu reconhecimento e valor para a sociedade, se insere a questão da discussão acerca de identidade. Walter (2004, p. 289) informa que:

No caso dos profissionais da informação, focalizando mais especificamente os bibliotecários, em cuja sociedade da informação deveriam, em tese, ter um papel de destaque, observa-se, em vários textos, que sua identidade é difusa, seus contornos modificam-se paulatinamente e seus valores ainda se constroem.

Para Souza (2006), a questão da identidade passa pela resposta a questão: Quem somos? Essa resposta depende, em parte, de que a sociedade brasileira reconheça e legitime este profissional. O autor coloca as condições estruturais do país como a principal razão para o não reconhecimento social do bibliotecário. Aspectos como a inserção econômico-social do país e sua posição periférica na economia global concorrem para que o Brasil não tenha se inserido de fato na sociedade da informação.

No que concordam Arruda, Marteleto e Souza (2000), pois, para estes autores os profissionais da informação estão sendo solicitados a reafirmarem sua importância e seu valor para o mundo do trabalho, em meio à transição para um novo modelo de qualificação profissional. O novo cenário científico-tecnológico, associado a uma nova conformação político econômica, leva à valorização da informação como insumo do processo econômico, redefinindo as qualificações do profissional da informação para o mundo do trabalho: passa-se a requerer capacidade gerencial e administrativa voltada para os acervos informacionais, assim como a educação continuada.

De onde se conclui que questão da identidade se relaciona com fatores como a visibilidade e a formação profissional, fatores que serão analisados nos tópicos que seguem. Quanto à questão da visibilidade, não é difícil constatar no dia a dia a falta de conhecimento por parte da sociedade sobre o que faz o bibliotecário e qual a importância do trabalho destes profissionais.

A pouca visibilidade deste profissional pode ser atestada, por exemplo, a partir de vídeo produzido pela revista *Biblio*² intitulada “Bibliotecário: será que a sociedade conhece este profissional?” que trazia uma entrevista a transeuntes, no centro do Rio de Janeiro bem próximo a Biblioteca Parque Estadual. As respostas são geralmente vagas, comumente relacionam o bibliotecário ao ensino, a leitura, a formação de leitores, ou seja, identificam-no como estritamente relacionado aos livros e às bibliotecas, o espaço tradicional da profissão.

Essa falta de reconhecimento da sociedade sobre o que realmente faz o bibliotecário, como aquele que organiza a informação para ser disponibilizada em qualquer suporte e em qualquer ambiente em que haja informação, e sobre qual a sua importância na sociedade atual globalizada, nos leva a pensar no tema da visibilidade social da profissão, que se comparada a outras profissões não tem reconhecimento social, como afirma Milanesi (2002, p.19):

A Biblioteconomia, uma profissão não reconhecida pela sociedade como o é a Medicina ou a Engenharia, e, ainda, uma das que oferecem as mais baixas remunerações no mercado de trabalho, precisou obter perante a lei o reconhecimento de si própria e a criação da “reserva de mercado” para os diplomados nela. O corporativismo projetado na legislação assegurou aos egressos dos cursos de Biblioteconomia, e somente a eles, um lugar de atuação profissional no âmbito das bibliotecas e centros de documentação - isso desde que existissem vagas.

Algumas perguntas merecem ser feitas na busca para entender a atual realidade do profissional de Biblioteconomia, tais como: quais os motivos que levariam que a sociedade dê pouco reconhecimento ao profissional? Como a pouca visibilidade afeta a empregabilidade? O que tem feito o bibliotecário para mudar este quadro? E por fim, qual o perfil que o mercado espera deste profissional?

As respostas a essas questões podem ajudar a entender o atual contexto. Além disso, um profissional que não reflete sobre seu exercício é um mero reproduzidor de práticas que não mais condizem com a realidade do mercado e do mundo que o cerca. De acordo com Souza (2006), no Brasil as condições sociais decorrentes do subdesenvolvimento econômico, faz com que a sociedade não reconheça a importância desse profissional. O que afeta diretamente a visibilidade

² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9qc9SYO3HRE>

social do bibliotecário, visto que a visibilidade depende de que a sociedade reconheça que o trabalho realizado pelos bibliotecários traz algum retorno imediato ao cotidiano das pessoas, a ponto de que se justifique remunerar esses profissionais. Dessa forma, a visibilidade tem relação direta com o modo como a sociedade está organizada economicamente.

Para Souza (2006), no Brasil, existe uma grande parcela da população que é semiletrada, visto que a educação não é prioridade de investimento para os governantes, logo, os profissionais que atuam em áreas como educação e cultura não chamam atenção da sociedade e suas práticas são pouco requeridas, e assim recebem pouco reconhecimento pela sociedade.

Pensando na questão da prática das profissões, não é difícil constatar a importância que tem um médico, como no exemplo de Milanesi (2002), na vida das pessoas, já que elas veem utilidade prática para essas profissões o que agrega reconhecimento social para estes profissionais.

Desta maneira, Souza (2006), ressalta que o fator visibilidade é afetado por questões externas no que tange às categorias profissionais, ou seja, como a sociedade enxerga e valoriza certas profissões. Para o autor, há ligação entre identidade e visibilidade, onde a identidade é afetada pela visibilidade. Contudo, muitos dos problemas identitários nas profissões se estabelecem a partir das percepções, de fatores internos, ou seja, das representações que os profissionais fazem do valor de sua participação na sociedade. Destaca, entretanto, que o bibliotecário tem uma completa ignorância de que sua imagem profissional é construída na interação social. O que nos leva a refletir sobre a questão dos estereótipos.

De acordo com Walter e Baptista (2007), os estereótipos estão comumente associados a aspectos negativos, quando queremos ressaltar características para descrever o outro, de maneira caricatural. Bibliotecários, comumente são associados a estereótipos de gênero (mulheres), comportamento (introvertidos) e imagem física (idosas, de coque e óculos), e ainda a funções que não são executadas por estes profissionais (guardar os livros nas estantes). Alertam ainda que esses estereótipos são perpetuados pelos meios de comunicação. As autoras reforçam a força dos estereótipos para a construção da imagem profissional e que os estereótipos, podem limitar os espaços de trabalho.

Walter e Baptista (2007) assinalam sobre a questão dos estereótipos, que uma vez formados, comporão o conjunto de visões que um determinado grupo tem da sua realidade, e que possivelmente acabarão por influenciar comportamentos e atitudes, que podem, dessa forma, interferir positiva ou negativamente na visão interna e externa.

Afirmam ainda as autoras que o modo como são vistos socialmente os profissionais é relevante, pois os empregadores veem, nessa perspectiva, o quanto a profissão é valorizada socialmente e quanto os profissionais devem receber de remuneração. Ilustra bem a questão esse trecho de Walter e Baptista (2007, p. 37), ao afirmarem que:

No caso específico da Biblioteconomia, que enfrenta concorrências com outros perfis emergentes na área de informação, especialmente evidenciados pelas tecnologias de informação e documentação, os estereótipos negativos podem ser traduzidos por salários menores e para outros entraves para o crescimento da profissão e de seus profissionais.

A questão da construção social dos estereótipos do bibliotecário nos permite inferir que estes foram construídos a partir de comportamentos e atitudes destes profissionais que são negativamente representadas. O que reforça a necessidade de tecer algumas considerações sobre quais atitudes e comportamentos deste profissional devem ser transformadas para se alinharem com as práticas.

Sobre a questão das atitudes dos bibliotecários, o tema foi retratado em dissertação de mestrado de Oliveira, nos anos de 1980. A autora foi uma das primeiras a tratar do assunto e seu texto é frequentemente citado por outros autores. A tese de Oliveira (1980) propunha um estudo sobre a autoimagem profissional dos bibliotecários. Apontava já naquela época, para a necessidade de que houvesse uma mudança de atitude dos bibliotecários em relação à profissão, pois, de acordo com a autora atitudes negativas contribuem para a formação da imagem profissional.

Para tratar das mudanças comportamentais e de atitude, Gomes (1974, *apud* Oliveira, 1980) afirma sobre a necessidade de que ocorra uma mudança de mentalidade dos profissionais de biblioteconomia, tais como a preocupação com a realização profissional, a consciência de seu papel social e uma atitude de maior curiosidade intelectual.

Ainda no quesito comportamentos e atitudes, Valentim (2000), cita que o profissional da informação do terceiro milênio deverá possuir como características como ser mais observador, empreendedor, atuante, flexível, dinâmico, ousado, integrador, proativo e principalmente mais voltado para o futuro.

Arruda, Marteleto e Souza (2000) indicam qual o perfil profissional esperado pelo mercado, ou seja, quais as características do profissional ideal. Segundo os autores, o que se espera do bibliotecário é que ele seja capaz de potencializar a comunicação, a interpretação de dados, a integração funcional, visando à geração, absorção e troca de conhecimento. Deve ainda, ter capacidade de operacionalizar seu conhecimento profissional de modo integrado às suas aptidões e vivências socioculturais, além de atuar como agente no processo de inovação. Citam ainda como fator importante aprender a trabalhar em equipes, destacam a valorização das qualificações tácitas na composição deste perfil, e o forte apelo para o comprometimento efetivo dos trabalhadores com a organização.

O que leva a crer que a mudança de atitude e comportamentos, deve ser objetivada para o profissional se adequar ao novo perfil que o mundo espera dele. Há um novo tipo de usuário, um novo tipo de informação, novas tecnologias, novos suportes, que necessitam de um novo profissional. Se seguir com o mesmo perfil de anos, os profissionais se tornarão obsoletos, como constata Marchiori (1996, p. 28),

A obsolescência operacional da profissão, que continua praticamente com os mesmos instrumentos para trabalhar um mundo tão dinâmico como o da informação, vai levar a uma imagem profissional anacrônica, de baixa visibilidade e baixa remuneração.

Como quer que seja diversos agentes foram apresentados, até aqui, relacionando elementos como a crise de identidade, a inserção da tecnologia, o complexo objeto de estudo do bibliotecário, a informação, a autonomia do usuário, questões sobre nomenclatura, além da necessidade de mudança no perfil, comportamentos e atitudes dos bibliotecários como sendo fatores chave para a adequação do bibliotecário às demandas do mercado de trabalho.

Presume-se que a mudança de perfil do bibliotecário passa pelos princípios norteadores do empreendedorismo, anteriormente citados no texto e agora retomados, como criatividade, otimismo, dedicação, necessidade de aprender continuamente, entre tantas outras. Seria de grande vantagem para este

profissional, se aplicasse em seu cotidiano as prerrogativas dos empreendedores, o que poderia contribuir, em última análise para a visibilidade da profissão.

3.2.1 Formação profissional

Marchiori (1996) observa que a primeira vez que se discutiu uma mudança no currículo, ocorreu no ano de 1962, e que demorou vinte anos para que houvesse alguma mudança nestes, ocorrida no ano de 1982. A autora prossegue afirmando que muito pouco tempo depois das mudanças feitas, já no ano de 1989, havia novas discussões que demonstravam preocupação com os currículos das universidades. Acrescenta ainda a autora que nos países desenvolvidos, o currículo é ajustado todos os dias, visto que nesses países existe uma preocupação constante de estar sempre voltados para as necessidades futuras, o que significa que a mudança se dá baseada no cenário que se vislumbra, sendo necessário, no entanto, conhecer o contexto em que o curso está inserido.

No que consente Milanesi (2002), pois considera que um curso formador de profissionais da informação deve conhecer a situação dos mecanismos informacionais disponíveis na sociedade. O autor ressalta, porém, que pouco se sabe da situação das bibliotecas universitárias, públicas ou escolares, ou ainda o que ocorre nas corporações.

Ainda de acordo com o autor, o Brasil carece de pesquisas sobre o contexto de atuação destes profissionais, e o que se sabe se dá por suposições, não havendo, desta forma, dados confiáveis ou a interpretação deles. O resultado, de acordo com Milanesi (2002, p. 16) é “a formatação de cursos que produzem um profissional cujo papel não foi determinado com clareza. Não se sabe qual função terá e a quem ele servirá”.

Walter e Baptista (2008) discutem sobre formação profissional do bibliotecário e afirmam que entre finais do século XX e início do século XXI não houve substantivas modificações curriculares que fizessem uma adequação dos currículos à realidade. Ainda de acordo com as autoras, questões como as preocupações com o perfil profissional e a colocação dos bibliotecários relacionados ao mercado, e o posicionamento das Escolas de Biblioteconomia frente a essas questões, também continuam sendo questões bastante discutidas em textos da área de Biblioteconomia.

Além disso, pôde-se comprovar o que foi dito pelas autoras supracitadas, após pesquisa realizada na plataforma BRAPCI com a utilização dos termos “Biblioteconomia” e “Currículo”. A pesquisa recuperou 125 documentos. Ressalte-se, porém que destes, havia alguns em que se considerava apenas a palavra Biblioteconomia ou a palavra currículo isoladamente. A pesquisa demonstrou que a preocupação dos autores da área de Biblioteconomia sobre adequação dos currículos dos cursos aparece em textos em período que compreende os anos de 1972 até o ano de 2013. As propostas para mudanças curriculares são encontradas em textos de Cesarino (1973), Dias (1973), Assunção e Fiuza (1974), Ferreira et al. (1977), Vieira (1983), Polke (1983), só para citar alguns dos muitos textos que discutiam a questão da necessidade da mudança nos currículos dos cursos de Biblioteconomia.

Pode-se observar, a partir da leitura destes referidos autores supracitados, que todos concordam sobre a questão de que a formação profissional deveria mudar para acompanhar as mudanças sociais, e sobre como o ensino deveria passar por profundas transformações, visto que muitos destes afirmaram que os currículos das universidades habilitam o profissional apenas para formação técnica e não para profissionais críticos, atuantes, criativos, entre outras qualidades reconhecidas como essenciais ao Bibliotecário. Apontam ainda que era necessário adequar o ensino à realidade do mercado de trabalho.

Assim também, Walter e Baptista (2008) utilizam os argumentos de Milanesi (1983), para evidenciar que discussões acerca da formação, perfil, colocação no mercado de trabalho e atuação das escolas de Biblioteconomia são questões que merecem bastante atenção. As autoras revelam que na opinião do autor por elas mencionado, a importância de refletir sobre tais questões se faz necessário, pois,

A sociedade se modifica, as necessidades se alteram, as tecnologias evoluem e a formação profissional de qualquer categoria deve estar sensível a esses pontos. O que parece não ter mudado é a baixa visibilidade dos bibliotecários pela sociedade, que ainda permeia os textos que tratam desse assunto. (WALTER, BAPTISTA, 2008, p. 89).

Assim sendo, Milanesi (2002) afirma que se a Biblioteconomia tivesse a preocupação de adequar-se, à ideia de universidade e à sociedade onde ela se encontrava, o caminho da profissão teria outros rumos. Assim como outros autores

anteriormente citados, Milanesi (2002) critica a prioridade dada nos currículos às matérias técnicas, às rotinas, o que acabou por tornar os cursos de Biblioteconomia com menor visibilidade e importância, sendo, segundo o autor um curso quase sempre desprezado e sem expressão entre as outras áreas do conhecimento que as universidades oferecem.

Dessa forma, Marchiori (1996), aponta para que a mudança no currículo deve ocorrer respeitando os seguintes aspectos: o estudo do mercado de trabalho, o perfil do bibliotecário e, por fim o perfil operacional. A partir do cruzamento das duas primeiras, o mercado de trabalho e o perfil esperado, pode-se planejar mudanças curriculares eficientes que atendam as necessidades apontadas pelos autores outrora citados. A autora afirma ainda que as mudanças são lentas e graduais, mas têm que ser constantes. Observa ainda que o aperfeiçoamento dos currículos deva ser contínuo, pois não existe currículo ideal. As modificações devem ser feitas sempre que se julgue necessário, discutindo ações, sugerindo novos desafios e observando desempenhos.

Milanesi (2002) conclui que o principal problema dos currículos reside no fato da formação ser a mesma para profissionais que irão atender a públicos e temas muito diferentes, como crianças ou empresas, por exemplo. Dessa maneira, a formação universitária negligenciaria esses aspectos. O autor considera que a formação generalista do bibliotecário era condizente num período em que tanto público como tema eram bastante homogêneos, diferentemente dos dias atuais.

Assim sendo, como seria o currículo ideal? Marchiori (1996) argumenta que este deve apresentar como características:

Desenvolver a capacidades de: pensar, integrar-se a equipes multidisciplinares, inovar e executar para o futuro, atender demandas de informação com criatividade e oportunidade tecnológica, estar atento ao mundo. O currículo deve desenvolver habilidades: empreendimento, estruturação de serviços de consultoria e assessoria de informação, comunicação, promoção e marketing, redação de projetos e contratos para serviços de informação, manejo da pluralidade das necessidades de informação em ambientes híbridos, análise de informação. (MARCHIORI, 1996, p. 31)

Nesse sentido, Milanesi (2002) acredita que os cursos deveriam preparar profissionais para atuarem com serviços diferenciados para crianças, adolescentes e adultos. Propõe que os currículos deveriam ser divididos em três áreas: a primeira

voltada para educação escolar, atendendo crianças e adolescentes, onde o bibliotecário teria a função de educador, trabalhando em conjunto com professores, atuando, dessa forma como formador de leitores. Para o autor esse tipo de formação é inexistente. A segunda área seria a da informação pública, onde o público alvo seria bastante heterogêneo, abrangendo, dessa forma, todas as faixas etárias e de renda. As bibliotecas públicas seriam o local de trabalho deste grupo. Tal profissional deveria ser versátil e bastante informado sobre o grupo social onde atua e possuir conhecimentos básicos em diversas áreas do conhecimento. O terceiro grupo atuaria com informação para especialistas, nas bibliotecas especializadas. Esse grupo exige um profissional familiarizado com o tema, conhecedor do universo semântico da área do conhecimento que irá atuar.

Além disso, Milanesi (2002) avalia que o grande problema da Biblioteconomia foi o de voltar-se para si própria, ficar preso as técnicas sem se preocupar com o “para quem” e o “porque”, havendo, dessa forma, uma confusão entre os objetivos e os meios, estes exaltados enquanto que os primeiros esquecidos. Avalia o autor que os cursos de formação não se preocuparam com o cenário sócio cultural, e, dessa forma, ignoraram que a partir do conhecimento das necessidades de informação de um segmento social é que deveria ser construído o conjunto de habilidades para encontrar soluções, partindo do social para as técnicas e não o oposto.

Marchiori (1997) considera que o currículo é algo mais que apenas um conjunto de disciplinas. A autora critica o fato de que discussões sobre currículo abordam sempre os mesmos temas como, o que é o que deveria ser o currículo, deixando, desta forma, de incluir outros atores igualmente importantes, como os estudantes e os empregadores. Afirma ainda que estes deveriam fazer parte dessa discussão sobre a adequação do currículo, sendo, dessa forma, construído de maneira participativa. Assegura ainda que estes normalmente têm uma visão diferente da formação sendo, desta forma, importante que se considere suas visões.

Por fim, Milanesi (2002) propõe que ainda na graduação, que se substitua o conhecimento básico de algumas disciplinas do currículo como psicologia, sociologia, entre outras disciplinas do currículo, por dois anos básicos em qualquer área do conhecimento de interesse do aluno, como física, química, etc., para que o aluno tenha, dessa forma, domínio efetivo de uma área, e possa apreender vocabulários e conceitos básicos que constituem algumas áreas do conhecimento.

Arruda, Marteleto e Souza (2000) entre outros autores destacam a necessidade da educação continuada para os bibliotecários a fim de obterem o conhecimento que ficou de fora da graduação, ou para atenderem as demandas do mercado de trabalho.

Outro ponto importante que desejamos destacar no quesito formação profissional é a educação empreendedora. Diversos autores citam a importância de se incluir nos currículos disciplinas que incentivem a atitude empreendedora nos estudantes de biblioteconomia, entre eles Cardozo e Barbosa (2006). As autoras alertam ser necessário que os cursos de biblioteconomia incluam disciplinas que estimulem os estudantes de biblioteconomia a assumirem uma postura empreendedora, buscando dessa forma, aumentar o nível de empregabilidade e enfrentar o mercado com mais autonomia e confiança. As autoras definem o termo empregabilidade como sendo a capacidade de manter-se empregado.

Uma vez detectadas as lacunas nos currículos dos cursos de Biblioteconomia e apresentadas as visões de diversos autores e suas propostas de modificações, cabe tecer algumas considerações sobre o mercado de trabalho dos bibliotecários visto que a visibilidade profissional está diretamente relacionada as demandas da área e na capacidade desse profissional empreender.

3.2.2 Demandas do mercado na área de Biblioteconomia

A literatura da área sobre mercado de trabalho, geralmente o apresenta de duas formas: o mercado de trabalho tradicional - basicamente aquele formado por bibliotecas e centros de documentação - e o mercado de trabalho não tradicional ou potencial de ser ocupado por bibliotecários. Além dessa divisão, encontramos também nos textos atividades tradicionais realizadas por bibliotecários e atividades não tradicionais relacionadas a estes profissionais. Tanto o mercado tradicional, quanto as tarefas tradicionais são amplamente conhecidas e difundidas nos cursos de formação e pelo mercado tradicional. Para os fins deste trabalho, cabe-nos aprofundarmos sobre as atividades não tradicionais e o mercado não tradicional ou o que a literatura costuma chamar também de emergente.

Valentim (2000) divide o mercado de trabalho em três grupos: mercado informacional tradicional, mercado informacional existente não ocupado e mercado Informacional tendências. Segundo a autora, o mercado tradicional é composto por

bibliotecas públicas, mercado consolidado com grande concentração de profissionais, sua atuação é mais de biblioteca pública, devido a problemas estruturais do país, poucas bibliotecas escolares. Enquadra ainda no grupo tradicional as bibliotecas universitárias, as bibliotecas especializadas e os centros culturais, considerados como sendo um mercado consolidado e que agrega grande concentração de profissionais.

Arquivos públicos e museus também fazem parte do mercado informacional tradicional, segundo Valentim (2000), porém estes se diferenciam dos demais por concentrarem um pequeno número de bibliotecários atuantes.

Com relação ao segundo grupo, o mercado de trabalho existente e não ocupado, Valentim (2000) aloca neste grupo a biblioteca escolar, pois, segundo a autora, apesar de fazer parte do mercado tradicional, é pouco ocupado por bibliotecários, visto que existem poucas escolas com bibliotecas, os salários serem pouco atraentes, e ainda pelo fato de que muitas escolas renomeiam as bibliotecas como sala de leitura, empregando outros profissionais nessas salas, como professores, o que torna esse mercado um grande potencial a ser ocupado.

Ainda no grupo mercado existente e não ocupado, Valentim (2000) elenca editoras e livrarias, empresas privadas (existindo ou não bibliotecas ou centro de documentação), os provedores de internet, e os bancos de dados, ou seja, locais onde o conhecimento do bibliotecário se faz essencial, visto serem locais onde é necessário organizar, processar, gerenciar, disseminar, recuperar, e normalizar informações.

O terceiro grupo, o das tendências, Valentim (2000) enquadra aqueles em que o profissional tem a capacidade para atuar, mas por desconhecimento sobre este mercado, acaba por não preencher determinadas vagas. Sobre este terceiro grupo que concentra o foco de bibliotecários empreendedores que desejam abrir suas empresas e prestar serviço na área de informação.

Valentim (2000) afirma que as mudanças ocorridas no mundo, impulsionadas pelo avanço da tecnologia de telecomunicação ocasionou grandes mudanças no fazer bibliotecário e no seu objeto de trabalho, a informação. Segundo a autora no cenário econômico atual o poder das nações e das organizações, no que se convencionou chamar de Sociedade da Informação, depende do nível de produção informacional, e dessa forma, quanto maior o valor que a sociedade atribui à informação, maior é seu estágio de desenvolvimento.

As mudanças ocorridas no mundo com o avanço das tecnologias, em especial a internet, e as ocorridas no mercado de trabalho, onde o cenário econômico apresenta diminuição da oferta de emprego, ocasionaram transformações profundas no mundo do trabalho como um todo. Baptista (2000) acredita que no caso específico dos bibliotecários, tais mudanças requerem uma nova percepção sobre o mercado de trabalho, para que aprendam a detectar as ameaças e oportunidades no seu campo de atuação. A autora indica que o fenômeno da terceirização trouxe a possibilidade de se trabalhar com a prestação de serviços, sendo esta uma oportunidade a ser explorada.

Para Valentim (2000) o bibliotecário deve se readaptar para enfrentar as mudanças. As empresas privadas, independentemente de possuir uma biblioteca ou um centro de informação/documentação, podem empregar bibliotecários. Segundo a autora nas empresas privadas os bibliotecários podem atuar na área de planejamento estratégico, com a função de buscar informação relevante para a organização, disseminando-a para os setores tomadores de decisão da empresa, utilizando-se das tecnologias de informação para distribuí-la.

Alguns autores apontam, que tanto empregadores, quanto os próprios bibliotecários desconhecem o vasto campo de atuação em ambientes não tradicionais em que poderiam atuar realizando ou não tarefas não tradicionais. Entre eles, Baptista (2000, p. 91) alerta que o profissional de informação da área de biblioteconomia, deve “saber que suas habilidades profissionais podem ser aplicadas além dos muros das bibliotecas”.

Além disso, Pinto (2005, p. 32) afirma que falar sobre o campo de atuação, não significa apenas apresentar um grupo de tarefas realizadas por um segmento profissional. Para a autora, significa mais que isto, significa “perceber que cada profissão está vinculada ao saber, ao saber-fazer e a um fazer-saber”.

A autora, ao discutir sobre o reconhecimento social de uma área, revela que a importância de um campo social, no caso em questão da Biblioteconomia, se dá a partir do domínio do seu fazer e do seu saber-fazer. Afirma ainda que, no campo da Biblioteconomia a sociedade e os próprios bibliotecários identificam apenas as técnicas de produção, organização, disseminação e recuperação de documentos, não reconhecendo outros saberes que o profissional possui e onde pode atuar.

De onde se conclui que é necessário que o profissional da informação, exponha ao mercado de trabalho que por suas habilidades é capaz de ocupar esta

ou aquela vaga principalmente aos empregadores ou clientes em potencial. Mesmo porque, de acordo com Fonseca, Fonseca, Fonseca (2005) atualmente formar-se em determinado curso não garante ser profissional da área.

Ainda sobre as demandas atuais do mercado de trabalho, pesquisa realizada por Fonseca, Fonseca, Fonseca (2005) em site de busca de emprego, demonstrou que a maioria das oportunidades ofertadas para bibliotecários consistiam em vagas para trabalhar em atividades e ambientes tradicionais. Os autores concluíram, a partir desta pesquisa que a ocupação dos bibliotecários em áreas não tradicionais é muito baixa, sendo, portanto, mais potencial que efetiva. Os autores acreditam que este fato se deve ao fato que “os empresários, de maneira geral, não visualizam o bibliotecário como um profissional capaz de gerar lucros, por meio de suas atividades, para a empresa”. (FONSECA, FONSECA, FONSECA, 2005, p.12).

Buscando dar maior visibilidade a áreas de atuação não ocupadas por bibliotecários, quer seja por falta de conhecimento dos mesmos, quer seja pela falta de conhecimento dos empregadores, os autores acima citados apresentam relatos de experiências profissionais que executaram em ambientes e funções não tradicionais. Apresentam como ambientes de trabalho não tradicionais experiências em livraria e e-commerce. Os autores relataram seus desempenhos em atividades não tradicionais, tais como serviços próprios do ambiente em rede, como análise e arquitetura da informação, ou ainda atividades empreendedoras em que tiveram a oportunidade de realizar, como liderar equipes multidisciplinares para a elaboração e implementação de projetos e a prospecção destes, entre outras atividades citadas.

Ainda sobre suas experiências em funções ou ambientes não tradicionais, Fonseca, Fonseca, Fonseca (2005) descrevem também que exerceram funções de auditoria e fiscalização de patrimônio da união, consultoria jurídica, e produção de notícias para agentes do setor elétrico brasileiro, onde se trabalhavam exclusivamente pela internet. Os autores acima citados concluem que os empregadores buscam profissionais por suas competências e habilidades e não por cargo ou profissão. Dessa forma, acreditam os autores que cabe aos bibliotecários empreenderem esforços para evidenciar aos empresários o valor que a informação possui para o sucesso das empresas, indicando o quanto as empresas perdem por não investirem em gestão da informação.

Baptista e Muller (2005) dão uma contribuição importante sobre as novas oportunidades para profissionais da informação. Segundo as autoras vem crescendo

as oportunidades de trabalho para profissionais autônomos, além de oportunidades nas áreas de tecnologia e negócios. A informação para negócios, segundo as autoras, ganhou importância devido à necessidade das empresas por informações atualizadas e com valor agregado, devido a competitividade do mercado enfrentada pelas empresas, o que assegura oportunidades de trabalho em organizações que praticam a inteligência competitiva. As autoras citam ainda a Internet como sendo uma alternativa de trabalho para os bibliotecários, pois ela amplia oportunidades de atuação profissional.

Baptista e Muller (2005) indicam ainda que pode estar ocorrendo entre os bibliotecários uma mudança de percepção sobre seu campo de atuação, que se reflete no reconhecimento de que podem aplicar seus conhecimentos e habilidades adquiridas no curso de Biblioteconomia em qualquer ambiente onde haja informação. As autoras afirmam ainda que

As mudanças provocadas pelas novas tecnologias mexeram na forma tradicional de prestação de serviços de informação, possibilitando a oferta de serviços diretamente aos interessados, sem o envolvimento da instituição biblioteca, fortalecendo a entrada no mercado de profissionais da informação com diversas formações, e muitas vezes trabalhando como autônomos. (BAPTISTA, MULLER, 2005, p.37).

A partir de tudo o que foi dito, até aqui, pôde-se observar que o mercado de trabalho atualmente para o bibliotecário demanda por um profissional dinâmico, criativo, proativo, determinado, tomador de decisão, líder, formador de equipe, visionário, ou seja, possuidores das características usualmente atribuídas aos empreendedores.

Se, inicialmente empreendedor era retratado como indivíduos que abrem empresas, atualmente passou a designar aquele que inova, dentro e fora das empresas, apresentado produtos e serviços inovadores que possam contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da sociedade.

Os bibliotecários podem empreender na área de gestão de serviços voltados para as demandas informacionais já que para estar atualizado e ter um diferencial competitivo muitos profissionais e empresas precisam de soluções e produtos voltados para suas necessidades de informação. Lacuna que pode ser perfeitamente ocupada por bibliotecários.

É indiscutível a importância do empreendedorismo para a sociedade moderna, sendo constantemente apresentado como uma revolução tão importante hoje quanto foi a Revolução industrial no seu tempo. Apesar da relevância do tema, observou-se que é pouco explorado na área de Biblioteconomia e que se melhor fosse, traria inúmeros benefícios para visibilidade da classe.

Por fim, vale ressaltar que a formação profissional tem se mostrado uma preocupação constante e antiga na área de biblioteconomia, onde o currículo dos cursos de biblioteconomia precisam se adequar à realidade encontrada por esse profissional no mercado de trabalho. A necessidade de se incluir nos currículos disciplinas relacionadas ao empreendedorismo também foram recorrentemente citadas, demonstrando uma tendência crescente de valorização do estudo do tema.

Conclui-se que há um terreno fértil para que o bibliotecário empreenda, visto que há muitos nichos de mercado pouco ou não explorados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção é abordada a metodologia utilizada na presente pesquisa, seguindo os procedimentos apresentados por Gil (2002) e Goldenberg (2011).

4.1 Caracterização da pesquisa

De acordo com os meios usados é uma pesquisa bibliográfica, também se caracteriza como pesquisa descritiva e exploratória conforme os objetivos elencados. Quanto à abordagem, se caracteriza como pesquisa qualitativa para tratamento dos dados.

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo exploratório. Segundo Gil (2002) a pesquisa exploratória pode ser usada para: formular um problema ou defini-lo com maior precisão; identificar cursos alternativos de ação; desenvolver hipóteses; isolar variáveis e relações-chave para exame posterior; obter critérios para desenvolver uma abordagem do problema; e estabelecer prioridades para pesquisas posteriores.

Ainda de acordo com Gil (2002) a pesquisa descritiva é a que possui como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, como sexo, idade, nível de escolaridade, entre outras. São consideradas pesquisas descritivas aquelas que objetivam, ainda, estabelecer relações entre as variáveis, como por exemplo, a relação entre preferência político-partidária e o nível de escolaridade. Tais pesquisas utilizam técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário ou a observação sistêmica.

Goldenberg (2011) caracteriza pesquisa qualitativa como aquela que não se privilegia o que apontam os números, ou seja, a que se opõe a pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa objetiva o aprofundamento sobre o entendimento de um grupo social, através da compreensão de fenômenos, questionando o porquê das coisas para, por fim, propor soluções. Para Goldenberg (2011, p. 53) “Os dados qualitativos consistem de descrições detalhadas de situações visando compreender os indivíduos em seus próprios termos”.

Gil (2002) afirma que a pesquisa bibliográfica é aquela desenvolvida a partir de material previamente elaborado, ou seja, publicações como livros e artigos científicos. Afirma ainda que a maioria dos estudos exploratórios pode ser definido

como pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica objetiva promover a análise de diversas posições acerca de um problema, utilizando para tal as fontes bibliográficas.

O levantamento bibliográfico foi feito na base de dados BRAPCI, em livros e em bases de dados bibliográficas presentes no Portal de Periódicos da CAPES.

4.2 Universo da pesquisa

Para delimitar o universo da pesquisa, em setembro/2015 foi feito contato via e-mail com os vinte bibliotecários de diferentes regiões do Brasil que gravaram depoimentos para o Portal EmpreendeBiblio³ e que estão empreendendo na área de informação. Desses, onze aceitaram participar da pesquisa e responderam ao instrumento de coleta de dados, compondo assim a amostra da pesquisa.

4.3 Instrumento para coleta de dados

Para responder aos objetivos da pesquisa, foi criado um questionário (conforme apêndice A) com cinco perguntas abertas que tratam sobre as influências para seguir a carreira, os motivos que os levaram a empreender, bem como os desafios encontrados, além de levantamento sobre a necessidade de adquirir novos conhecimentos e, por fim, a questão da pesquisa que consiste em saber se empreender na profissão pode contribuir para melhorar a visibilidade do bibliotecário. O questionário foi enviado por e-mail aos participantes da pesquisa.

³ Portal disponível em <http://www.empreendebiblio.com> oriundo de um projeto de extensão sobre Empreendedorismo na Biblioteconomia que iniciou na Escola de Biblioteconomia na UNIRIO.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os dados obtidos a partir das respostas do questionário enviado aos bibliotecários atuantes em áreas não tradicionais. O instrumento para a coleta de dados encontra-se disponível no apêndice A. Os dados foram analisados de acordo com a leitura dos mesmos alinhados ao referencial teórico utilizado para a presente pesquisa.

5.1 Influência para seguir a carreira de bibliotecário

Dos onze bibliotecários respondentes da pesquisa, sete afirmaram que tiveram influência para a escolha da profissão de amigos, familiares e ainda de profissionais de outras áreas que conheciam a profissão.

Alguns afirmaram que não tiveram influência de outras pessoas na hora da escolha. Um dos entrevistados afirmou que ao escolher Biblioteconomia estava arriscando uma área nova. Uma das respondentes do grupo dos que não tiveram influências para a escolha afirmou que descobriu o curso na hora de se inscrever para o vestibular. Outro respondente deste mesmo grupo afirmou que o curso foi sua segunda opção. Nos depoimentos abaixo é possível perceber alguns pontos importantes:

Não. Eu apenas gostava muito de ler e de pedir livros emprestado na biblioteca pública da minha cidade. Não tinha a menor noção do que fazia um bibliotecário.

Eu tinha total desconhecimento sobre a atuação de um bibliotecário até que um amigo passou no vestibular para biblioteconomia na UFC. Ele me falou sobre o curso e como havia gostado. Me interessei, fiz o vestibular e entrei no curso. Só passei a saber o que faz um bibliotecário durante o curso.

Sim! Na verdade até o ano de 1999 eu era ateu e comunista e não acreditava na cultura, nas bibliotecas, nos empreendedores e na Bíblia. Sempre achei que a cultura e as bibliotecas estavam ligado a pessoas ricas e produtivas e os empreendedores eram simplesmente capitalistas. Nunca acreditei que uma empresa e seus empreendedores estivessem gerando produtividade para o Brasil e nosso país. Acreditava que eles eram simplesmente capitalistas e que só geravam o lucro os seus grupos. No mesmo ano, 1999, descobri que estava com câncer e simplesmente por um milagre fui curado e iniciei minha leitura da Bíblia Sagrada e

dos ensinamento do Velho Testamento e do Novo Testamento e comecei a trazer a realidade do empreendedorismo através da história dos homens e suas gerações. Descobri que Jesus foi humano, em tudo que ele fazia estava sempre ligado aos livros e a leitura. Falando em parábolas, lendo a Torá nas sinagogas e se tornou o maior líder empreendedor de toda história da humanidade. Primeira lição dele é de RH, recursos humanos, onde ele pegou 12 discípulos, praticamente, sem noção nenhuma da vida e explica a eles sobre liderança, visão de futuro, honestidade, garra, pagamento de impostos e muito mais. Resumindo a partir da leitura da Bíblia e os ensinamentos de Jesus O Cristo que foram minha grande influência em se tornar um Bibliotecário e logo depois um empreendedor Bibliotecário.

Sim. Eu atuava na área de Informação Tecnológica e cursava Ciências Sociais. Dava suporte técnico para pesquisas e levantamento de dados a uma equipe que trabalhava com projetos governamentais e entre eles um Jornalista, o qual foi o que visualizou em mim alguns talentos e os canalizou para o curso de biblioteconomia. Na época eu tive muito preconceito e dificuldade para optar, mais a mudança me trouxe a confirmação de que eu era completamente ignorante quanto a atuação de campo de trabalho deste profissional. Sou muito agradecida por ter tido um mentor.

O gosto pela leitura e pelos livros, também foi apontado pelos respondentes como um dos motivos para optarem por Biblioteconomia. Houve ainda quem respondesse que optou pelo curso por querer possuir nível superior em qualquer área. As respostas sobre a escolha da profissão estão em consonância com Milanesi (2002, p. 19):

A opção por uma carreira profissional, como regra, é feita pelo jovem de acordo com uma suposta garantia de boa colocação no mercado de trabalho: se há campo para uma atuação tranquila e bem remunerada, a carreira se torna atraente para um número maior de jovens. As carreiras mais promissoras são mais procuradas, principalmente nas instituições públicas. Isso pode provocar uma acirrada disputa pelas vagas. Como o trabalho em bibliotecas nunca se caracterizou como opção fundamentada nas possibilidades pecuniárias, às vezes, existem mais vagas do que candidatos. A opção pela Biblioteconomia é feita por outras motivações. Uma delas, muito citada, é o gosto pela leitura ou o amor aos livros. Outra, não tantas vezes citadas, é a baixa competitividade na disputa pela vaga.

A partir das respostas sobre esta questão, pode-se constatar que muitos desconheciam o trabalho do bibliotecário até iniciarem o curso. Pode-se concluir que a maioria dos respondentes optou pelo curso sem nenhum conhecimento sobre o que fazia o bibliotecário, o que demonstra a baixa visibilidade do curso. A baixa

concorrência não foi citada por nenhum dos respondentes, mas também se mostra como um motivo bastante comum para a opção pelo curso. Ressalte-se, portanto, que todos demonstraram possuir grande entusiasmo com a biblioteconomia.

5.2 Motivos para empreender na área

Dentre os principais motivos para empreender na área, os mais citados pelos respondentes estavam relacionados à vontade destes em não dependerem de empregos formais. Alguns responderam que os empregos formais possuem limitações, como por exemplo, a pouca liberdade que certas empresas dão aos seus funcionários para que se iniciem projetos, ou para que se possam desenvolver suas potencialidades enquanto funcionários, visto que certas corporações não abrem espaço para inovação, ou para que seus funcionários possam expor ideias novas, e menos ainda permitem que se possa colocá-las em prática.

A identificação de oportunidades de trabalho e de ganhar dinheiro.

Nunca pensei em empreender. Fui criado por pais analfabetos em uma comunidade abaixo da linha da miséria, ou seja, eu era miserável e pobre. Quando comecei a ler a Bíblia descobri que era possível sair da linha da miséria e os textos me deram força. Abri minha primeira empresa e gostei e a partir daí não parei mais. Eu, não tive influência de pais e irmãos ou vizinhos para me levar a empreender. Só através dos textos bíblicos que começaram a despertar em mim o espírito empreendedor. Aliás, toda a Bíblia leva a pessoa a empreender.

- Tomada de Decisão - Em um ambiente de CLT, você tem limitações. O que manda é o centro de custo da sua organização;
- Remuneração - a tabela paga ao bibliotecário é muito baixa, diante de suas responsabilidades e desafios;
- Reconhecimento - Como bibliotecário, o perfil é sempre o de um profissional meramente operacional (pelo menos em minha época, fins da década de 80 e início da década de 90);
- Liberdade - Criar projetos, projetar soluções e acompanhar sua execução até a entrega, foi sempre a minha grande paixão.
- Crescimento Profissional e interação com outras áreas - Aplicar os conhecimento da profissão, que é extremamente rico em projetos multifuncionais;

A oportunidade de empreender surgiu há mais de vinte anos, quando a empresa na qual era funcionária e atuava como bibliotecária decidiu terceirizar alguns setores, inclusive o de documentação (biblioteca e arquivos). Continuo atuando nesta empresa, mas como fornecedora de serviços especializados em gestão de documentos.

Atualmente sou empresária e coordeno equipes de profissionais lotados em vários clientes onde prestamos os nossos serviços.

A vontade de criar um canal em que pudesse discutir e debater as ideias que acredito e defendo.

Eu sempre fui empreendedora no serviço público. Quando me aposentei resolvi usar a minha energia na gestão de uma empresa sobre informação.

Muitos anos como empregada e muita experiência acumulada em uma época em que a Internet ainda não tinha chegado.

Muitos ainda citaram como fator relevante o fato de não gostarem da rotina encontrada nos empregos formais. Além disso, um fator lembrado pelos respondentes foi a baixa remuneração paga nos empregos formais. Percebe-se nos depoimentos acima o perfil empreendedor que muitos têm. Sobre o perfil fechado de algumas empresas apontadas pelos respondentes, Conti, Pinto, Davok (2009, p. 27) afirmam,

[...] ainda existem culturas organizacionais tradicionalmente fechadas e centralizadas. Essas organizações são altamente técnicas, burocráticas e com rotinas padronizadas. Conseqüentemente, seus profissionais não possuem ou não são incentivados a atitudes empreendedoras no sentido de aumentarem a capacidade organizacional de competir em meio às frequentes variações do mercado.

Pode-se inferir pelas respostas analisadas, que os profissionais entrevistados se diferenciam da maioria dos bibliotecários encontrados no mercado de trabalho. Muitos optaram por abrirem empresas que realizam prestação de serviços, por visualizarem grandes oportunidades nessa área, opção pouco comum aos bibliotecários. De acordo com Marchiori (1996, p.27)

O perfil atual apresenta uma grande massa de profissionais institucionalizados, normalmente em bibliotecas, cuja grande maioria [está] no serviço público, poucos nas instituições privadas, e menos ainda [os que são] prestadores de serviços. Queremos chegar ao equilíbrio: não iremos abandonar a biblioteca, queremos abocanhar um pedaço das instituições privadas e também ser prestadores de serviços.

Note-se em seguida, que os principais motivos apontados pelos respondentes que os levaram a empreender na área estão relacionados ao perfil empreendedor destes bibliotecários, pois mencionaram que sentiam a necessidade de criar novas

oportunidades, e assim, inovarem na carreira. O que demonstra que estes profissionais possuem as características dos empreendedores. De acordo com Timmons (1994) e Hornaday (1982) (*apud* Dolabela, 2006, p.39), o empreendedor é aquele que:

- ✓ Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização;
- ✓ Tem grande energia. É um trabalhador incansável. Ele é capaz de se dedicar intensamente ao trabalho e sabe concentrar seus esforços para alcançar resultados;
- ✓ Tem perseverança e tenacidade;
- ✓ Sabe buscar, utilizar e controlar recursos;
- ✓ Sabe fixar metas e atingi-las.
- ✓ Luta contra padrões impostos. Diferencia-se. Tem a capacidade de ocupar espaços não ocupados por outros no mercado; descobre nichos.

A partir das respostas, pôde-se observar que a busca pela realização profissional foi um grande propulsor para arriscarem na profissão, o que é entendido como uma das principais características do empreendedor. Ao buscarem novas oportunidades em segmentos pouco exploradas na área, a vontade de sair do lugar comum, de criar novos projetos, de buscar reconhecimento pelo trabalho que executam, o desejo de crescimento profissional, e ainda poder utilizar a muita experiência acumulada na área, faz com que estes profissionais possam ser considerados bibliotecários empreendedores.

5.3 Desafios para empreender na área

Todos os respondentes declararam que as dificuldades encontradas para empreender foram muitas. As mais citadas estavam relacionadas à falta de informação empreendedora nos cursos de Biblioteconomia, o que os levou a aprenderem na prática, com seus próprios erros e acertos. Os respondentes criticaram o fato de que os currículos dos cursos de biblioteconomia não apresentassem disciplinas que os auxiliassem, enquanto alunos de graduação a

empreenderem. Fato que pode ser confirmado por Cardozo e Barbosa (2004), ao constatarem que no currículo do curso de biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia não encontraram disciplinas destinadas à teoria ou à prática empreendedora, ou ainda que pudesse vir a estimular a atitude empreendedora nos discentes de biblioteconomia. As autoras sinalizam que a importância de se oferecer uma informação empreendedora reside no fato de que esta pode aumentar as possibilidades de trabalho do bibliotecário. Reforçam ainda que

Nem todos se irão se tornar empreendedores, mas certamente esse trabalho induzirá o bibliotecário à reflexão sobre a necessidade de desenvolver um comportamento proativo e autônomo que o torne mais seguro na competição no mercado de trabalho. (CARDOZO, BARBOSA, 2004, p.[4]).

Outro fator apontado pelos respondentes como sendo uma barreira a superarem foi a falta de conhecimento sobre as competências dos bibliotecários, o que dificultou a aceitação de imediato destes, devido ao pouco conhecimento sobre a profissão.

Atuar como empreendedora exige grande motivação, muita persistência e determinação, pois muitas vezes aceita-se assumir riscos, utilizando os recursos disponíveis de forma criativa.

No início foi a falta de incentivo e reconhecimento. A dificuldade de manter financeiramente o nosso projeto também ainda é um desafio.

O problema de empreender na biblioteconomia é porque não existe um enquadramento comercial adequado para a área. Logo, o bibliotecário precisa buscar algo relacionando o que aprendeu com outras áreas como tecnologia da informação, educação, administração e afins.

Entender toda a burocracia necessária para a gestão de uma empresa. Não basta ter conhecimentos especializados ou contratar os melhores especialistas, tem que entender de vendas de serviços, um pouco de contabilidade, de licitações públicas, de contratação de serviços e outras questões um tanto chatas.

Eu diria que o meu maior desafio foi me encontrar com o mercado. Muito fechado, sem aceitação para o bibliotecário, pela própria falta do conhecimento deste para as funções da área e a aplicação do conhecimento para organização e reuso da informação. Por vezes, a minha primeira abordagem foi me descrever como um cientista social ou como uma documentalista ou cientista da informação. A palavra bibliotecário foi e na minha opinião ainda é uma grande barreira para definir o que somos e o que podemos fazer para a Sociedade do Conhecimento.

Primeiro desafio foi, que dentro das faculdades e cursos de Biblioteconomia não existem disciplinas direcionadas a empreender e tive grandes dificuldades depois de formado a entrar nesta realidade. Fui então procurar aprender na prática como administrar uma empresa. Segundo que no início faltou dinheiro para tudo. Tive que começar do zero e foi muito difícil. Nenhum banco quer emprestar dinheiro para um bibliotecário abrir uma empresa, risos. Eles emprestam para engenheiros e administradores que já tem tradição de abrir e gerenciar empresas.

Quem deseja empreender deve ter vontade de investir tempo e dinheiro naquilo que acredita ser um bom negócio. E para saber se é um bom negócio, é preciso muita pesquisa de mercado. Saber quem são os seus concorrentes e se há procura suficiente pelo serviço/produto que você quer oferecer. Se existem concorrentes, ofereça um serviço/produto melhor do que o deles e apresente-o ainda melhor. Dedique-se a todas as áreas da empresa. Se não consegue dar a atenção necessária a um setor, então contrate alguém para gerenciá-lo. Não tente fazer tudo sozinho. Melhor fazer uma ou duas coisas muito bem feitas do que fazer dez mau feitas.

A visão das instituições sobre o que é o bibliotecário e a valorização da profissão.

Falta de formação empreendedora, na formação em Biblioteconomia não se tem acesso a conteúdos teóricos e práticos sobre tal fim. Tornando os formandos em Biblioteconomia inseguros, temerosos e até mesmo, incapazes de ousar no cenário empreendedor. Ter que aprender de forma autônoma, com erros e acertos, custa-nos muito. Poderíamos ser mais assertivos, objetivos e direcionados ao mercado empresarial, caso os cursos dessem vazão a conteúdos e práticas voltadas a formação empreendedora.

A gestão do negócio. Trabalhar e gerir ao mesmo tempo são aspectos complicados. É preciso crescer rápido para ter infraestrutura.

Nos depoimentos acima se percebe os diferentes desafios enfrentados antes de abrir o negócio, durante e os desafios futuros para empreender na área. Sobre a falta de conhecimento e aceitação do mercado de trabalho para funções não tradicionais do bibliotecário, Garcia (2013, p.112) acrescenta que:

Corroboram essa resistência os modelos mentais relacionados à atuação do profissional da informação (na mente da maioria das pessoas, o profissional da informação é natural e quase exclusivamente associado aos serviços de bibliotecas ou centros de documentação. Num cenário composto por resistência às mudanças e modelos mentais limitantes, o profissional da informação precisa ser proativo e combativo, perseverante e focado na sua missão de apoiar a produção e o uso estratégico da informação e do conhecimento em toda a organização. Tais competências

representam, na verdade, as características dos empreendedores corporativos (ou intra-empreendedores): pessoas dotadas de competências e energia transformadora tais que sustentam a concepção e implantação de novas soluções nas organizações).

Muitos responderam que encontraram um mercado fechado, difícil de adentrarem ao se apresentarem como bibliotecários, o que nos leva a questão da nomenclatura da profissão. Um dos respondentes relatou que se apresentava como cientista social, documentalista, ou cientista da informação. O nome bibliotecário foi tratado como sendo um empecilho, uma barreira a ser ultrapassada, visto que a visão que as instituições possuem do bibliotecário ainda é muito ligada às funções tradicionais realizadas em ambientes de biblioteca, o que dificultou a entrada no mercado. Porém, ao mostrarem ao mercado as potencialidades reais do bibliotecário, houve uma mudança de visão e de postura pelo mercado atendido, ou seja, houve um reconhecimento e valorização destes profissionais.

Por fim tem como um grande desafio apontado pelos respondentes o de se manter no mercado, devido a questões financeiras e ao fato de terem que aprender a contornar as dificuldades com os negócios na prática.

5.4 Necessidade de adquirir conhecimentos em outras áreas

Todos foram unânimes sobre a necessidade de adquirir conhecimento em outras áreas. As mais citadas foram às ligadas às práticas gerenciais, ou seja, as que envolvem os conhecimentos sobre gestão de empresas, gestão de projetos, gestão de pessoas, administração de recursos humanos, finanças, liderança, mercado, como lidar com clientes, legislação trabalhista e tributação, plano de marketing, tecnologia da informação, e por fim as mais vinculadas ao mercado em que atuam. Percebe-se em alguns depoimentos quando questionados se o fato de ser empreendedor fez com que houvesse a necessidade de adquirir conhecimentos em outras áreas:

Quem empreende acaba que adentrando em praticamente todos os setores da sua empresa. Comigo não foi diferente. Tive que estudar bastante sobre marketing, educação a distância e suas aplicações, UX, gestão de projetos, gestão de pessoas, coaching etc. Quem deseja empreender acabará atuando em diversas áreas da empresa, não tem como escapar disso.

Sim! Gestão de projetos, Processos e TI.

Sim, com certeza... cito como mais importantes, as gerenciais.

Sim, muitos. Desde cursos de pequena duração, como por exemplo, controle de fluxo de caixa, carga tributária, modalidade empresarial, técnicas de vendas, plano de marketing, estratégias de negócios etc... Cursos de aperfeiçoamento, como o EMPRETEC, ofertado pelo SEBRAE Nacional por meio de suas unidades estaduais e, por fim, cursos de nível de especialização, como MBA em Gestão de Micro e Pequenas Empresas. A necessidade de novos conhecimentos é constante, diária, um fluxo de informação e formação infindável, pois, empreender no Brasil é, sobretudo, uma questão de se manter INFORMADO!

Fiz uma MBA em Gestão Empresarial que ajudou muito a ter uma visão da parte burocrática e isso ajuda muito no negócio

Sim! Recursos Humanos; administração de empresas; planejamento tributários, planejamento financeiro e várias outras áreas.

Sim. E muito. parar de estudar, jamais. Ao final da graduação, ainda atuando em informação tecnológica, senti muita falta do conhecimento em engenharia de produção. A Universidade não me aceitou para mestrado ou doutorado, na época. Recorri a cursos de especialização. Fui para o México onde fiz especialização em serviços de informação tecnológica, complementando com uma bolsa para estudar o desenvolvimento da América Latina e Caribe, quanto a seu estágio no uso de Informação Tecnológica. Mais tarde complementei com pós graduação em sistemas de informação, fio condutor da gestão da informação e com gestão do conhecimento. Sou autodidata na aprendizagem de políticas governamentais para captação de recursos que viabilizem soluções ao terceiro setor, para a promoção e uso da Informação e sigo querendo aprender a parte de análise, medição e uso do conhecimento a partir dos portais corporativos.

Sim, para a atuação como empreendedora as competências técnicas de Biblioteconomia são essenciais, bem como os conhecimentos sobre gestão de empresas, administração de recursos humanos, finanças, liderança, mercado, clientes, tecnologia da informação, legislação trabalhista e tributação, entre outros.

Sim. Em Jornalismo, Comunicação Social, Edição de vídeos, Administração, Edição, entre outros.

Sim, para a atuação como empreendedora as competências técnicas de biblioteconomia são essenciais, bem como os conhecimentos sobre gestão de empresas, administração de recursos humanos, finanças, liderança, mercado, clientes, tecnologia da informação, legislação trabalhista e tributação, entre outros.

Já tinha conhecimentos na área de TI. Então houve necessidade de estudar alguma coisa de legislação, administração, contabilidade, etc

Cardozo e Barbosa (2004) observam que a educação continuada funciona “como um recurso de sobrevivência para recém-formados, desempregados e empreendedores de todos os segmentos [...]”. Cardozo e Barbosa (2004) afirmam que nos dias atuais para conseguir entrar no mercado de trabalho, apenas a experiência não serve mais como requisito, sendo essencial possuir conhecimento e habilidades para atuar no mundo dos negócios. Para conseguir esses conhecimentos é necessário fazer treinamentos e cursos, como fizeram os respondentes. A experiência ajuda, mas não é tudo. Sobre a qualificação do trabalhador, Deluiz (1996) afirma que

Não se trata mais, portanto, de uma qualificação formal/qualificação prescrita/qualificação do trabalhador para desenvolver tarefas relacionadas a um posto de trabalho, definida pela empresa para estabelecimento das grades salariais, ou pelos sistemas de formação para certificação ou diplomação, onde as tarefas estavam descritas, codificadas e podiam ser visualizadas, mas da qualificação real do trabalhador, compreendida como um conjunto de competências e habilidades, saberes e conhecimentos, que provêm de várias instâncias, tais como, da formação geral (conhecimento científico), da formação profissional (conhecimento técnico) e da experiência de trabalho e social (qualificações tácitas).

Dessa forma, observa-se que a necessidade de adquirir novos conhecimentos por parte dos respondentes, além do obtido nas universidades, é uma tendência no mundo do trabalho. As competências requisitadas para atuação profissional, seja como bibliotecário, seja em qualquer formação, estão além do conhecimento técnico, que é privilegiado nas diversas instituições educacionais. Para Cardozo e Barbosa (2004) o problema em si não é com a aplicação da técnica de trabalho de cada profissão, essa é fundamental, mas sim com a questão de que essas instituições deixam de lado a preocupação com a formação empreendedora, concentrando-se apenas na formação técnica.

5.5 Contribuição do empreendedorismo para a visibilidade do bibliotecário

De acordo com Chiavenato (2012) o empreendedor é o indivíduo que faz as coisas acontecerem, por possuírem sensibilidade apurada para os negócios, para lidar com questões financeiras, além de possuírem capacidade de identificar e aproveitar oportunidades que outros não percebem.

Partindo deste pressuposto, como já dito anteriormente, os respondentes da pesquisa se enquadram na definição de Chiavenato sobre ser empreendedor, visto que identificaram oportunidades e as transformaram em negócios, ou seja, colocaram suas ideias em prática.

Todos os respondentes concordam que o fato de ser empreendedor contribui para a visibilidade profissional do bibliotecário. Podemos observar que há uma mudança de visão do mercado quando os bibliotecários-empresendedores da pesquisa mostram outras facetas da profissão ao atuarem no mercado de trabalho de maneira inovadora.

Vale ressaltar algumas respostas sobre como o empreendedorismo auxilia na melhora da visibilidade como se percebe nos depoimentos abaixo:

Sem dúvida. Digo empreender na biblioteconomia é relativamente fácil, pois temos muitos campos a serem explorados com poucos empreendedores. Precisamos de mais para tornar nossa profissão ainda mais visível e valorizada.

Sou otimista e acredito que sim. No meu caso em particular, passei todos estes 40 anos utilizando da minha profissão, divulgando o que podemos fazer para as empresas. Sempre fui incansável em defender e divulgar a profissão, numa visão de mercado.

Com certeza. Em todos os cenários pelos quais tenho passado com a prestação de serviços na área, posso detectar que a forma com que os nossos clientes nos veem é bastante diferente. No início ainda causa estranhamento, logo após, uma mistura de reconhecimento e valorização da profissão, pois, percebem que o fazer bibliotecário pode contribuir de forma significativa aos objetivos, metas e processos de conformidade de suas organizações.

Empreendedorismo faz parte da formação de cada um, principalmente cultural e educacional. É difícil falar para quem não tem o perfil para que ela empreenda, não vai adiantar. Tem pessoas que se sentem mais confortáveis com a estabilidade que a atuação no serviço público lhe trás, por exemplo. Mas claro que, quando os profissionais bibliotecários atuam além do seu lugar comum, isso acaba que dando maior visibilidade para a área e passa a ser parte de referenciais que podem ser projetados. A dificuldade para o bibliotecário está em se mostrar importante, pois saímos com um obstáculo a mais que temos que ultrapassar, que é a falta de conhecimento da nossa profissão por aqueles que não são da área. Mas com persistência, perfil e competência dá para empreender.

Com certeza. Mais reforço que o nome ainda é uma barreira já que a sociedade da informação vem evoluindo rapidamente e outras áreas estão passando a fazer uso de nossos conhecimentos para sua atuação e, por não terem a barreira do nome, acabam conseguindo

melhores condições de colocação e ganho no mercado.

A Biblioteconomia é linda, pois ela abre sua visão para o mundo, vc estuda e passa por vários estágios ao longo do curso que nenhuma outra profissão tem essa dimensão.

Sim. Existe uma ideia sedimentada na sociedade brasileira de que bibliotecário trabalha apenas em biblioteca. Não se trata de forma alguma de negar o papel de mediador da informação e da leitura que o bibliotecário tem, mas mostrar que esse profissional pode atuar em outras áreas, tais como educação, editoração, comunicação, comércio etc.

Ao evidenciarem que o bibliotecário pode utilizar seus conhecimentos e habilidades para atuar em ambientes que não bibliotecas e centros de documentação, demonstraram outras capacidade deste profissional, como por exemplo, a atuação autônoma como consultor e prestador de serviço, entre tantas outras formas de atuação.

Tradicionalmente os bibliotecários não são vistos como profissionais empreendedores, ou possuidores de espírito empreendedor, ou seja, como sendo pessoas criativas, inovadoras, cheias de disposição e entusiasmo, como características apresentadas por Chiavenato (2012) para o empreendedor. Muito pelo contrário, o bibliotecário geralmente é apontado como sendo “desmotivado e apático” como apontam Salgado e Becker (1998).

As autoras ao tratarem sobre atitudes do bibliotecário afirmam que somente a partir da boa atuação deste profissional poderá haver a promoção da profissão, além da quebra de paradigmas constantes no imaginário popular sobre o bibliotecário. A boa atuação de que tratam as autoras pode ser aqui relacionadas com a vontade de fazer algo novo, ter entusiasmo com a profissão, empreender. Ressalte-se ainda que mesmo que Salgado e Becker (1998) tratem do bibliotecário escolar, o bibliotecário de modo geral pode ser incluído nessa perspectiva.

De acordo com as autoras acima citadas quando desempenham bem suas funções, “a imagem de profissional emburrado, desmotivado e apático, poderá ser substituída por uma postura profissional mais dinâmica, flexível, criativa e de maior credibilidade” conforme Salgado e Becker (1998, p.13). A visão de Salgado e Becker (1998) sobre a substituição do modo de ser visto do bibliotecário pelo mercado, ocorre também quando ao buscarem realização profissional, como no caso dos respondentes da pesquisa, os bibliotecários mostram que com suas habilidades e

competências são profissionais capazes de fazer a diferença no mercado, ao atuarem em de forma inovadora, fora do convencional. Dessa forma, acabam por divulgar e valorizar a profissão. A partir do levantamento bibliográfico e coleta de dados se conclui que ao empreender na profissão há de fato uma contribuição para uma melhora da visibilidade e conseqüentemente para o reconhecimento social do bibliotecário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente observa-se que a palavra crise está na moda. Amplamente divulgada nos meios de comunicação de massa, são veiculadas notícias referentes à crise na política, na economia, o que afeta diretamente a questão do emprego.

Muito antes, porém, a palavra crise mostrou-se uma grande preocupação de diversos autores na área de biblioteconomia, entre eles podemos destacar Marchiori (1996), Milanesi (2002) e Souza (2006). Diferentemente dos fatores apontados como causadores da crise político-econômica no Brasil e no mundo, a crise na biblioteconomia se mostrou atrelada a elementos como a questão da identidade profissional, das mudanças paradigmáticas pelos quais passou, por seu objeto de estudo ser de difícil definição e complexidade, além de outros motivadores como as mudanças de nomenclatura da área visando se adequar as necessidades do mercado de trabalho sem que fossem feitas modificações estruturais de fato nos currículos dos cursos de biblioteconomia, por exemplo.

Há, portanto, na literatura a percepção de que o campo atravessa um longo período de crises e que precisa passar por reformulações tanto nos currículos de seus cursos, pois é constantemente apontado como não condizente com a realidade que o profissional irá encontrar na prática.

Paralelamente a questão da crise, observou-se que a informação, objeto de trabalho ganha status, mas o mesmo não ocorreu com o bibliotecário. A partir da verificação deste fato, buscou-se analisar quais os motivos concorrentes para essa questão.

Tanto a literatura da área, quanto o recurso utilizado na pesquisa para a captação de experiências profissionais, demonstraram que a sociedade, de maneira geral não reconhece o bibliotecário como profissional da informação. A partir da observação desta ocorrência, procurou-se verificar, além dos motivos concorrentes, o que poderia ser feito para modificar o quadro apresentado.

Muitas foram as alternativas apontadas na literatura para melhorar o modo como são vistos os bibliotecários pela sociedade, foram propostas mudanças de atitude, de comportamento, adequação ao perfil esperado pelo mercado de trabalho, entre outras.

Observou-se ainda, o quanto os bibliotecários perdem com o pouco reconhecimento sobre suas reais capacidades de trabalho, perdendo espaço para

profissionais de outras áreas, que demonstram suas habilidades e competências aos empregadores, faltando desta forma, um maior empenho por parte dos bibliotecários para se tornarem mais visíveis, tanto para os empregadores quanto para a sociedade.

A questão da visibilidade é apontada por alguns autores como relacionada à questão da utilidade da profissão, visto que se reconhece aquilo que se necessita. Dessa forma, falta ao bibliotecário se mostrar como um profissional ativo, atuante, e realmente necessário para a sociedade.

Por fim, o empreendedorismo mostrou-se como uma alternativa interessante para os bibliotecários, como forma de melhorarem sua visibilidade. Apontado como uma saída para momentos de crise, o empreendedorismo pode abrir caminhos para que os bibliotecários possam adentrar o mercado de trabalho tão fechado.

A pesquisa realizada com bibliotecários empreendedores foi importante para a pesquisa, pois, pode demonstrar na prática o que era dito na literatura, sobre a falta de formação empreendedora, a falta de conhecimento sobre o curso, e sobre o fato de que empreender pode ocasionar a melhora da visibilidade profissional.

Espera-se que este trabalho contribuir para a melhoria da visibilidade do bibliotecário e que sejam ampliadas as discussões acerca do tema pois percebeu-se por meio da literatura e dos depoimentos que o empreendedorismo pode ser sim uma forma de fortalecer a Biblioteconomia, melhorar a visibilidade da profissão no Brasil, oportunizar a inclusão do profissional no mercado em diferentes frentes de atuação e prestar variados tipos de serviços na área de informação para que o próprio profissional e a sociedade valorizem e percebam a Biblioteconomia como uma das mais importantes profissões do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciano Antônio; DAVOK, Delsi Fries. Empreendedorismo na área de Biblioteconomia: análise das atividades profissionais do Bibliotecário formando na UDESC. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 313-330, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/646/715>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a02v29n3.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

ASSUNÇÃO, JB de; FIUZA, M. M. Reformulação do currículo do Curso da escola de Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.3, n.2, p. 218-233, 1974. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002640&dd1=cf430> > Acesso em: 18 ago. 2015.

BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91 - 98, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003275&dd1=67f21>>. Acesso em: 21 out.2015.

BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, cultura y sociedad**, Buenos Aires, n. 12, p. 35-50, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/976/2/ARTIGO_ConsideracoesMercadoTrabalhoBibliotecario.pdf>. Acesso em: 21 out.2015.

BOAVA, D.; MACEDO, F. Sentido axiológico do empreendedorismo. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração 33; 2009, São Paulo, SP, Brasil. **Anais...** São Paulo, SP, Brasil, setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO1421.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações**. Brasília: 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612-05>>. Acesso em: 15 de out. 2015.

CARDOZO, Tavita Rosa B.; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Políticas informacionais e práticas pedagógicas para a formação do bibliotecário-empresendedor. In: CIFORM V Encontro Nacional de Ciência da Informação. **Proceedings**. Salvador– Bahia, 2004. Disponível em: <http://www.ciform-antiores.ufba.br/v_anais/artigos/marileneloboabreu.html>. Acesso em 11 set. 2015.

CESARINO, M. A. O ensino da Biblioteconomia; um currículo a ser mudado. **R. Esc. Bibliotecon.** da UFMG, Belo Horizonte, v.2, n.1 p. 43-59, 1973. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002462&dd1=40227>>. Acesso em: 14 out. 2015.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. Barueri: Manole, 2012.

COLBARI, A. L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v.1, n.1. p. 75-111, 2007.

CONTI, Daina Lindaura; PINTO, Maria Carolina Carlos; DAVOK, Delsi Fries. O perfil do bibliotecário empreendedor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 27-46, 2009. Disponível em:<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007982&dd1=40739>>. Acesso em 01 nov. 2015.

COSTA, A. M. da; BARROS, Denise F.; CARVALHO, José Luís F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 179-197, mar../abr., 2011, art.1. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/rac>>. Acesso em: 20 set. 2015.

DALPIAN, Juliana; FRAGOSO, Juliana Gorgen; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. Perfil empreendedor do profissional da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 99-115, jan./jun., 2007. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/32/37>>. Acesso em 28 jun. 2015.

DELUIZ, Neise. A globalização econômica e os desafios à formação profissional. **Boletim técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v.22, p.15-21, maio/ago. 1996. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/303/boltec303f.htm>>. Acesso em: 15 jul.2015.

DIAS, Antonio Caetano. Futurologia-Doença Infantil da Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, 1973. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000549&dd1=b1df4>>. Acesso em: 18 ago.2015.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**: uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 3. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

DUBAR, C. **A Socialização**. Construção das Identidades Sociais e Profissionais. Porto: Porto, 1997.

FERREIRA, Maria Luiza AG et al. Currículo mínimo de biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.6, n.1, p. 92-99, 1977.

Disponível em: <

<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000010062&dd1=adf05>>. Acesso em: 11 set.2015.

FILLION, Louis Jaques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abr./jun., 1999. Disponível em

<http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=102>. Acesso em 30 de jul. 2015.

FONSECA, Fábio Jose Lobo da; FONSECA, Fernanda Maria Lobo da; FONSECA, Nádia Lobo da. Ruptura de paradigmas biblioteconômicos, autoformação e mercado de trabalho: estudo de caso. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008089&dd1=544ee>>. Acesso em: 12 jun.2015.

GARCIA, Leonardo Guimarães. Inteligência competitiva com enfoque empreendedor: ensino e pesquisa na graduação em ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 7, n. 1, 2013.

Disponível em <www.revistas.usp.br/incid/article/view/42355/46026>. Acesso em: 12. Set. 2015

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. 107 p.

GIMENEZ, Fernando A. Prado; FERREIRA, Jane Mendes; RAMOS, Simone Cristina. Configuração Empreendedora ou Configurações Empreendedoras? Indo um pouco além de Mintzberg. In: ENCONTRO DA ANPAD, 32; 6 a 10 set., 2008, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônico...** Disponível em: <

<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO-C2571.pdf>>. Acesso em 12 set. 2015.

HALICKI, Zelia. A importância do empreendedorismo no contexto da economia globalizada. In: STADLER, Adriano (Org.) **Empreendedorismo e responsabilidade Social**. Curitiba: Intersaberes, 2014. p. 15-28.

MARCHIORI, Patrícia Zeni. Que profissional queremos formar para o século XXI: graduação. **Informação & Informação**, Londrina, v.1, n.1, p.27-34, jan./jun., 1996. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006123&dd1=26b2d>>. Acesso em: 10 jun.2015.

MAXIMIANO, Antonio Cesar **A. administração para empreendedores**. São Paulo: Pearson, 2011.

MILANESI, Luis. A formação do informador. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, 2002. Disponível em : <
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001519&dd1=78269>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. O bibliotecário e sua auto-imagem. São Paulo: perspectiva profissional. Enc. Bibli.: **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 5, Pioneira, 1983. 98 p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1368>>. Acesso em: 10. Jun. 2015.

PINTO, V. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=79>>. Acesso em: 14 out. 2015.

POLKE, Ana Maria Athayde. Ensino de biblioteconomia: manutenção ou mudança. **Revista de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 13-29, 1983. Disponível em: <
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002690&dd1=27c40>>. Acesso em: 03 out.2015.

PORTAL BRASIL.Campeão em empreendedorismo, Brasil gera 52% de empregos Disponível em:< <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/04/campeao-em-empendedorismo-brasil-gera-52-de-empregos>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

REVISTA BIBLIOO. **Bibliotecário**: será que a sociedade conhece este profissional? Vídeo. 6 min. Março, 2015. Disponível em:<
<http://biblioo.info/sitebiblioo/tvbiblioo/page/3/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SALGADO, Denise Mancera; BECKER, Patrícia. O bibliotecário no olhar do público Escolar. Enc. Bibli: **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf**, Florianópolis, v.3, n.6, set.,1998. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/18> >. Acesso em: 10 jun. 2015.

SANTOS, Silvana de Lima; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. O bibliotecário e o mercado de trabalho no Cariri cearense: implicações oriundas da sociedade da informação. **Biblos**, Rio Grande, v. 26, n. 1, 2012. Disponível em: <
<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/2467/2113>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SILVEIRA, João Paulo Borges da. Formação empreendedora nos currículos dos cursos de biblioteconomia na região sul do Brasil. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 32-41, 2012. Disponível em : <
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011943&dd1=71095>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SOUZA, Francisco das Chagas. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 16, n. 1, 2006.Disponível em: <

<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/439/1491>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 9, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001315&dd1=6ff37>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

VIEIRA, Anna da Soledade. Caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 250-263, 1983. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002697&dd1=4752d>>. Acesso em 12 jun. 2015

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Identidades, Valores e Mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação? **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 2007. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/96>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa v. 17, n. 3, 2007. Disponível em : <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004778&dd1=50a69>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. Encontros Bibli: **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 84-103, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12988>>. Acesso em 13 jul.2015

APENDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

QUESTÕES:

- 1) Houve alguma influência para seguir a carreira de bibliotecário? Justifique.
- 2) Quais os motivos que o levaram a empreender na área?
- 3) Quais os desafios encontrados para empreender na profissão?
- 4) O fato de ser empreendedor fez com que houvesse a necessidade de adquirir conhecimentos em outras áreas? Quais?
- 5) Você acredita que empreender na profissão ajuda a melhorar a visibilidade do bibliotecário? Justifique.